

PUC

VERA - LÚCIA CALIXTO DE CAMPOS

"CARENCIA AFETIVA E PSEUDOOLIGOFRENIA
EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS"

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1982

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

809983 23 0001145 1110 1111

AIMS DE INVESTIGACAO E AVANCO ACADEMICO
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM PSICOLOGIA

o trabalho de pesquisa apresentado
é resultado de uma pesquisa realizada
no âmbito do curso de Pós-Graduação em Psicologia
da Universidade Federal de Pernambuco.

N.Cham. 150 C198c TESE UC

Título. Carença afetiva e pseudooligofrenia em adolescentes insti



Ex.2 PUCB

0031709

Be.
PUC

DOAÇÃO

VERA-LÚCIA CALIXTO DE CAMPOS

0019677-7

"CARÊNCIA AFETIVA E PSEUDOOLIGOFRENIA
EM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS"

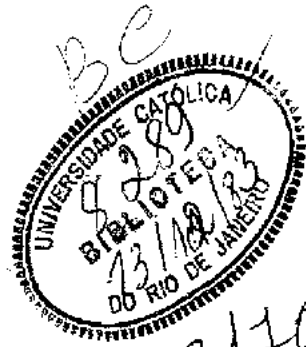
Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Orientadora: Monique Rose Aimée Augras!

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, setembro de 1982

ve-19677-7



31709

150
C198C
RFSEVA

...
...
...
...
...

- A todos os que trabalham com menores carentes, em especial, os psicólogos com que tive oportunidade de trocar experiências.

Meus agradecimentos

- À Fundação Nacional do Bem Estar do Menor através das seguintes instâncias:

"Centro de Estudos e Desenvolvimento de Pessoal Milton Campos",

"Departamento de Assistência Educacional",

"Departamento de Assistência Comunitária",

"Direção do Hospital Central",

"Direção da Escola Quinze de Novembro".

- E, especialmente, às seguintes pessoas:

- Angela Maria Brasil Biaggio, minha primeira orientadora,

- Monique Rose Aimée Augras, orientadora final da tese, que me ajudou a concluir o trabalho,

- Nelson Botega de Queirões e José Carlos Caetano da Rocha que muito me ajudam desde 1977 a conhecer estatística realizando para mim as padronizações dos testes no que se refere aos cálculos e me orientando quanto a utilização de determinadas técnicas,

- Às minhas colegas Marlene Luzia Magalhães, Célia Asato Costa Reis e especialmente, Marlys Lima Kallás que leu comigo os originais, valorizou minha idéia e acompanhou com interesse todo o meu processo de amadurecimento da tarefa. Sem este apoio amigo, sério e desinteressado esta pesquisa não seria concluída.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar aspectos intelectivos e afetivos da estrutura de personalidade de adolescentes procedentes do lupensinato e submetidos a um processo de institucionalização em virtude de privação de diversas ordens.

A amostra foi constituída por 50 sujeitos de 14 a 18 anos divididos em dois grupos:

- a) de controle: adolescentes institucionalizados com família;
- b) experimental: adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono.

Investigou-se se o grupo de adolescentes em caracterizado estado de abandono apresentaria diferença significativa em relação ao grupo de adolescentes institucionalizados com família considerando-se as variáveis da síndrome de pseudooligofrenia do teste de Rorschach e o Fator G do Teste de Inteligência Não Verbal Forma C de Pierre Weil (padronizado para a FUNABEM).

Como não houve diferença significativa entre os grupos partiu-se para uma análise dos critérios diferenciais em relação ao pseudoretardo e à constituição do perfil psicológico de cada grupo. Como contribuição original padronizou-se o Rorschach com o objetivo de adequar este importante instrumento de avaliação da personalidade à população estudada.

ABSTRACT

The main purpose of this research was to investigate intellectual and affective characteristics of lower class adolescents who were institutionalised because of maternal deprivation.

The sample consisted of fifty young boys of the age of 14 to 18 years, divided in two groups:

- a) control-group: institutionalized adolescents with a family;
- b) experimental group: institutionalized adolescents without any family.

I tried to find out whether there exists a significant difference between the groups in relation to the syndrom of pseudoolyphrenia using the Rorschach Test and the Non-verbal Intelligence Test standardised for this type of population.

No significant difference was found between the groups, but we managed to establish criteria for pseudo-retardation and the psychological characteristics of each group.

The Rorschach Test was standardised for this population.

S U M Á R I O

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
2.1 - Pressupostos Básicos.....	6
2.1.1 - O Desenvolvimento das Relações Objetais	7
2.1.2 - A Carência de Cuidados Maternos	37
A - A Separação	40
B - As Sequelas	43
C - Incidências Psicossociais	57
2.1.3 - As Consequências da Privação Materna	59
2.2 - Adolescentes Institucionalizados	66
2.3 - A Inteligência e suas Inibições	74
3 - METODOLOGIA	78
3.1 - Objetivos e Hipótese Geral	78
3.2 - A Síndrome de Pseudooligofrenia	78
3.3 - Operacionalização da Hipótese	80
3.4 - Operacionalização das Variáveis	81
3.5 - Características da Amostra	83
3.6 - Coleta dos Dados	84
4 - RESULTADOS.....	85
5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS	94
6 - CONCLUSÃO	102
7 - ANEXOS	118
8 - APÊNDICE	129
9 - BIBLIOGRAFIA.....	135

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em uma pesquisa experimental com adolescentes institucionalizados pertencentes a uma escola de ensino regular, supletivo e profissionalizante subordinada a uma instituição pública responsável pela guarda de menores "em situação irregular". Esta denominação é encontrada no Código de Menores que em seu capítulo IV prevê o encaminhamento, pelo Juizado de Menores, de menores em situação de abandono e/ou infração a estabelecimentos adequados.

O internato de onde provêm estes adolescentes pertence à Rede Oficial da Instituição Federal responsável pela guarda destes menores e, apesar de abandono e infração não serem privilégios de uma classe social específica encontra-se como característica da clientela atendida o fato de serem proveniente de estrato social determinado: o lumpensinato. Esta classe social encontra-se a margem do processo produtivo, não possui ocupação estável e sua renda é inferior a três salários mínimos.

Geralmente, o pai abandonou precocemente a família e a mãe fica com muitos filhos para sustentar, sendo obrigada a dividir-se entre os cuidados pessoais das crianças e a manutenção da casa. As crianças se vêem muito cedo às voltas com dificuldades de sobrevivência, dedicam-se a atividades que complementem a renda familiar e, por vezes, pressionadas pela satisfação de suas necessidades básicas, adotam comportamentos considerados como anti-sociais.

Com este pano de fundo socio-econômico, o aspecto social da questão assume extrema relevância. Focaliza-se nesta pes

quiza um grupo socio-cultural específico com hábitos, ideologia e até toda uma Psicologia própria que cabe desvendar identificando suas potencialidades tradicionalmente vistas como uma ameaça ao sistema econômico dominante mas com que se interpenetra e até mantém.

A questão da marginalização tem sido profundamente debatida através de diversas vertentes e no mundo moderno se reveste de características peculiares em virtude do avanço tecnológico da era contemporânea. No entanto, não se trata de um problema atual uma vez que Iencarelli F^o, J (11) pesquisando os aspectos medico-psicossociológicos do abandono nos remete a dados históricos de crianças abandonadas desde a Antiguidade.

A experiência profissional da autora desta pesquisa durante dez anos (1972-1982) em estabelecimentos desta Instituição participando da montagem de Serviço de Psicologia assim como da elaboração de programas de atendimento à clientela levou-a ao questionamento de sua formação universitária e a trilhar vários caminhos de reflexão acerca da problemática do menor carente. Inicialmente em um serviço de psicologia escolar, observou o processo de aprendizagem de adolescentes internos e suas dificuldades em relação à alfabetização e à escolarização de um modo geral.

O internato possuía como objetivo escolarizar e profissionalizar alunos utilizando metodologia pedagógica tradicional e "reintegrá-los à sociedade". O papel do psicólogo dentro deste tipo de unidade seria avaliar aspectos psicológicos tais como Inteligência Geral, Aptidões Específicas, Estrutura de Personalidade e encaminhar através de um processo de seleção os

adolescentes às oficinas.

Paralelamente a este enfoque tradicional o grupo de psicólogos da Instituição começou a questionar o papel do Psicólogo dentro da mesma assim como o instrumento disponível e que se revelou ineficaz em relação à população internada. Passou-se de uma perspectiva psicopedagógica normativa para o estabelecimento de programas de pesquisa que definissem melhor as características dos menores internados. Neste espaço de tempo tanto a Instituição quanto os psicólogos modificaram-se não só quanto aos objetivos a serem alcançados mas também quanto às estratégias utilizadas e, no momento, coexistem na Instituição o espaço psicopedagógico e o espaço terapêutico buscando se complementar em benefício de uma ajuda verdadeira aos menores sob sua guarda.

A experiência em pesquisa (1977-1982) evoluiu da adequação de instrumentos de avaliação de rendimento intelectual (INV-C e Colúmbia) (7 e 8) para levantamentos da maturação da função visomotora (9) e de aspectos psicológicos dos internos do Sistema de Atendimento a Menores de conduta Anti-Social (10). Observou-se que a incidência de dificuldades de natureza neurológica seriam em bem menor número do que aquelas de natureza afetiva e que a psicomotricidade instrumenta a relação do indivíduo com o mundo e reflete o grau de integração desta idade.

No entanto, sérios questionamentos foram levantados a partir destes trabalhos.

- Em que medida o instrumental de que dispúnhamos comprometeria os resultados obtidos?

- Até que ponto o método de pesquisa experimental consegue

levar a colocação das questões de forma suficientemente descomprometida em termos ideológicos de modo que seus resultados não fossem corroborações de tendenciosidades pré-existentes no autor?

- Por outro lado, a reflexão teórica pura através de um quadro de referência colocado anteriormente conseguirá sinalizar a realidade de maneira que o realmente novo surja como resultado deste processo?

O enfoque clínico permitiu a observação de crianças e adolescentes com problemas afetivos diversos decorrentes de dificuldades psicossociais de seus pais e o atendimento para diagnóstico e psicoterapia a nível ambulatorial e de hospitalização evidenciou aspectos característicos de sua estruturação de personalidade. A partir deste enquadre a Psicanálise forneceu um modelo teórico suficientemente amplo e fecundo de abordagem da problemática subjacente à clientela atendida pela Instituição.

Este trabalho desenvolveu-se a partir de pressupostos estabelecidos por Freud e seus seguidores de que a figura materna e a criança formam uma unidade que amadurece gradualmente com a intervenção de um agente interditor que cataliza o processo de separação e atrai a criança para experiências novas e mais profundas com o mundo externo.

As consequências da ausência de figura materna permanente ao longo dos primeiros anos de vida foram pesquisadas por autores como Spitz, Bowlby, Goldfarb e Ainsworth e formam um conjunto teórico coerente e suficientemente estabelecido. No entanto, as consequências tardias no desenvolvimento da personalidade ainda se encontram um tanto obscuras.

A finalidade desta pesquisa é investigar aspectos intelectivos e afetivos de adolescentes institucionalizados e a influência da variável família no potencial de rendimento intelectual. Muitos dos sintomas demonstrados por Spitz em virtude da ausência da mãe ou de figura substituta podem ser observados através da síndrome da Pseudooligofrenia que analisa um conjunto de sintomas intelectivos e afetivos e suas interrelações.

Os capítulos que se seguem procuram fornecer ao leitor através da pesquisa bibliográfica e da análise dos dados coletados uma amostragem do adolescente institucionalizado típico pertencente ao Sistema de Atendimento ao Menor Carente. Trata-se de uma tentativa de retomada da discussão das práticas educacionais oferecidas pelo sistema dominante aos seus estratos mais baixos e das consequências a nível individual da supressão da capacidade de refletir acerca de si mesmo e de sua condição no mundo.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Pressupostos Básicos

Este trabalho utiliza conceitos da teoria psicanalítica como quadro de referência e admite que o recém-nascido encontra-se em um estado indiferenciado não existindo em EU (pensamento, sensação, percepção e volição) ao nascer. A teoria psicanalítica afirma que toda função psíquica, trate-se de sensações, de percepções, de pensamentos ou ações, pressupõe uma carga de libido, ou seja, um processo afetivo. Os processos afetivos precedem a qualquer outra função que posteriormente terá de se desenvolver sobre as bases criadas pelos intercâmbios afetivos.

Freud, (1905) (9), ao estabelecer o conceito de libido, demonstrou com fatos a existência de uma sexualidade infantil. Leplanche e Pontalis definem LIBIDO: "uma expressão tirada da teoria da afetividade. Chamamos assim a energia considerada como uma grandeza quantitativa - embora não seja atualmente mensurável, das pulsões que se referem a tudo que podemos entender sob o nome de amor".

A universalidade dos conceitos psicanalíticos tem sido discutida através de estudos experimentais que comparam crianças comuns que foram educadas com suas famílias com aquelas que foram criadas fora de todo círculo familiar como, por exemplo, em instituições. Mas ainda as crianças que se encontram em instituições não estão livres da influência do conceito de família. Tarde ou cedo se inteiram da existência da instituição da família, de que outras crianças têm pai e mãe, e que sua posição neste sentido é de desvantagem.

Estas crianças não só criam vínculos instituintivos de amor, ódio, ciúmes, etc., em relação aos seus educadores, como além disso elaboram fantasias acerca da mãe e do pai, análogas às idéias próprias das crianças educadas em família, com a única diferença de sua índole fantástica.

2.1.1 - O Desenvolvimento da Relação Objetal

R. Spitz (1957), observa que durante o primeiro ano da criança a mãe serve de intérprete para toda percepção, toda ação e todo conhecimento. O peito da mãe, suas mãos e seus dedos oferecem à criança todos os estímulos táteis para a aprendizagem de prensão e da orientação tátil; seu corpo e seus movimentos lhe dão as experiências necessárias para a formação da linguagem.

A amamentação propicia que a criança fixe os olhos no rosto da mãe, assim como todas as situações em que a criança é cuidada, sendo o rosto o estímulo visual mais frequente durante os seus seis primeiros meses. Mais importante do que funcionar como intermediário entre a criança e o meio, a mãe propicia a qualidade da própria experiência através de sua atitude afetiva. A criança percebe de um modo afetivo muito mais pronunciado do que o adulto: o sistema sensorial, a discriminação e o aparelho perceptivo não se desenvolveram ainda do ponto de vista psicológico. A atitude afetiva da mãe será a que serve de orientação ao lactante.

Spitz distingue três estágios no desenvolvimento das relações objetais:

- a) estágio pré-objetal;

- b) estágio do objeto precursor;
- c) estágio do objeto propriamente dito. Ao estágio pré-objetal corresponde a fase do narcisismo primário e define-se por uma organização primitiva do recém-nascido, que é incapaz de diferenciar um objeto do outro e está em torno de si e dele próprio.

Durante o primeiro mês a criança desenvolve a percepção visual. Esta evolui de impulso insatisfeito para a percepção visual de todos os movimentos de um rosto humano.

No estágio do objeto precursor a criança responde a uma gestalt-sinal formada pelos olhos, nariz e frente do rosto humano em movimento com um sorriso. Não se trata de uma verdadeira relação objetal uma vez que a criança não reconhece nela qualidades essenciais mas atributos superficiais que pertencem mais às coisas do que ao objeto da libido.

As consequências do desenvolvimento do objeto precursor são:

- 1 - Percepção externa do estímulo procedente do meio;
- 2 - Estabelecimento de indícios de memória conscientes no psiquismo da criança;
- 3 - Distinção do consciente e pré-consciente e de ambos do inconsciente;
- 4 - A colocação dos indícios de memória e da separação entre o consciente, pré-consciente e o inconsciente dão lugar ao início do pensamento.
- 5 - A chegada do pensamento introduz a função do princípio da realidade.

- 6 - Início rudimentar do eu que permite à criança coordenar seus atos intencionais a serviço de fins de defesa e do mínimo.
- 7 - A barreira inicial alcançada contra os estímulos se faz cada vez menos necessária.
- 8 - Desenvolvimento dos diversos setores do eu.
- 9 - Transição da passividade à atividade dirigida.
- 10 - início das relações sociais do ser humano.

Durante o segundo trimestre de sua vida se apresenta uma relação de medo. A angústia dos oito meses consiste em uma reação de desagrado diante da ausência da mãe. A criança indica por este funcionamento dos vestígios de memória que formou uma autêntica relação objetal e que a mãe se converteu em seu objeto libidinal. Demonstra ao mesmo tempo a aquisição de uma nova função do EU: a função do juízo.

Nesta época, a mielinização das vias nervosas está suficientemente avançada para permitir a função dirigida dos aparelhos sensoriais; permite a coordenação dos efetores para colocar grupos de músculos a serviço de série de ações. No aparelho mental armazenou-se um número crescente de vestígios, que permite ajuste na resposta e do equilíbrio necessário como ponto de partida para estas ações. No aparelho mental armazenou-se um número crescente de vestígios de memória, que criam uma base para operações ideatórias cada vez mais complexas. Estas operações permitem ao lactente executar um número progressivo de séries de ações dirigidas, cada vez mais variadas. Daqui resulta uma das condições para formação dos sistemas no EU.

A presença de um eu, por mais rudimentar que seja, permite aos impulsos uma descarga em forma de ação dirigida. Durante o estágio narcisista os impulsos se apoiam na gratificação das necessidades orais da criança. A pessoa que satisfaz as necessidades orais da criança é a mãe, e em relação a ela se dirigirão tanto os impulsos agressivos como os libidinais. Podemos falar de dois objetos: o mau, em relação ao qual se dirigirá a agressão, e o bom, em relação ao qual se dirigirá o impulso libidinal.

Ao redor do sexto mês se produz uma síntese e, entretanto, o eu adquiriu uma importância crescente. Sua função integradora se combina com as experiências inumeravelmente repetidas com a pessoa da mãe, para efetuar uma fusão dos dois objetos, o bom e o mau na pessoa perceptual única da mãe. Estas são as bases do desenvolvimento do psiquismo humano e podemos compreender portanto, que a ausência da mãe ou de figura substituta provocará consequências sérias no relacionamento da criança com o mundo.

Os três estágios sucessivos de desenvolvimento psicológico do primeiro ano de vida representam níveis de complexidade crescente da estrutura psíquica do indivíduo. O início de cada um dos estágios sucessivos é assinalado pelo aparecimento de um determinado comportamento afetivo que é considerado como o indicador do início de uma nova fase.

A influência do desenvolvimento psicológico sobre o comportamento vai-se tornando mais evidente a cada um dos três estágios sucessivos. Os intercâmbios que têm lugar no âmbito das relações de objeto parece que mobilizam as forças responsáveis

por este desenvolvimento progressivo.

O primeiro estágio, que se inicia no nascimento e vai aproximadamente até meados do terceiro mês, foi chamado de "o estágio indiferenciado" por ANNA FREUD (1936) e por HARTMAN, KRIS e LOWENSTEIN (1946). Segundo eles, o Ego e o Id se diferenciam a partir de uma matriz indiferenciada.

Trata-se de um estágio de não diferenciação. Não existe diferenciação entre a psiquê e o soma, entre Ego e Id. E, ainda mais, não existe uma diferenciação entre os estímulos recebidos: o comportamento que ocorre, aparentemente como uma resposta a tais estímulos, parece ser inespecífico. Na realidade, poder-se-ia dizer sem muito exagero, que o comportamento que pode ocorrer em resposta a um estímulo é causal. Com isto, quer-se dizer, que, por um lado, o comportamento pode ou não ocorrer; e, por outro lado, quando ocorre, pode dar-se em qualquer um dos setores do corpo do bebê que esteja em condições de funcionar. Ou seja, a musculatura do esqueleto, os esfíncteres ou a musculatura lisa, bem como reações vasculares e do sistema nervoso autônomo. No início deste estágio, o organismo funciona segundo o princípio de Nirvana: busca a redução de tensão. Nas semanas subsequentes, desenvolve respostas segundo o princípio do prazer.

Não existe ainda diferenciação, quer na percepção, quer na memória, além dos rudimentos necessários para estabelecer reflexos condicionados elementares.

No terceiro mês de vida, ocorre uma modificação no quadro. Tal idade, bem como as demais que serão mencionadas adiante, representa uma média: os indivíduos variam imensamente,

tanto em seu equipamento quanto em sua maturação, e as variações são ainda maiores se considerados os fatores que influenciam o desenvolvimento psicológico. Os desvios individuais das idades médias aqui citadas são de cerca de dois meses para menos ou para mais.

O indicador da mudança que tem lugar no terceiro mês é a resposta de sorriso do bebê. Se nessa idade coloca-se o rosto diretamente em frente ao bebê, em qualquer espécie de movimento, ele reagirá com um sorriso. Não se trata de reação a um indivíduo em especial, mas sim de um percepto com atributos de gestalt. A configuração específica consiste nos dois olhos, nariz e testa, e deve estar em movimento (SPITZ e WOLF, 1946).

Esta gestalt é o primeiro percepto visual que a criança reconhece com segurança e ao qual reage com um comportamento emocional específico. A resposta é uma indicação de que o bebê acaba de passar da recepção exclusiva de estímulos internos à percepção do que lhe é exterior, ou seja, do estágio de não diferenciação para o estágio seguinte, no qual assume suas relações com aquilo que o circunda.

O signo gestáltico, que atua como evocador da resposta afetiva, é que é a novidade constante nesta reação. O indivíduo que provoca o percepto não é importante, pode ser qualquer um.

Conseqüentemente, considera-se que não se trata ainda do objeto verdadeiro, mas sim de um precursor do objeto libidinal; logo, esta relação não é ainda verdadeira relação de objeto e sim um pré-estágio das relações objetais, a partir do qual se desenvolverão, progressivamente, as verdadeiras relações de ob-

jeto.

O estabelecimento do precursor do objeto é, certamente, precedido por respostas cada vez mais organizadas do bebê diante das provisões do meio ambiente representado pela mãe. As respostas, que a princípio têm lugar a um nível reflexo, vão se tornando progressivamente mais organizadas no decorrer dos dois primeiros meses de vida e por volta do terceiro mês as respostas assumem o caráter de antecipação.

De acordo com FREUD, o reconhecimento usual pelo bebê do rosto humano, a resposta de sorriso, assinala o estabelecimento do Ego realidade, pois determina que "algo que se acha presente no Ego como uma imagem pode também ser redescoberto na percepção (ou seja, na realidade). O reconhecimento da face humana confirma que o bebê possui, agora, a capacidade para redescobrir na realidade o objeto que corresponde àquele que se acha presente em sua imaginação.

A resposta de sorriso é uma indicação de que o consciente e o inconsciente foram separados um do outro. O reconhecimento, o ato de sorrir, é claramente um ato volitivo, consciente, dirigido. Esta reação assinala também o estabelecimento de um Ego rudimentar, trata-se de um Ego corporal, uma organização diretora central. Atende a uma função adaptativa, cuja aplicação, mais primitiva é a realização, de modo elementar, do primeiro teste de realidade.

O aparecimento da resposta de sorriso indica também que o bebê já adquiriu a capacidade de reter traços de memória no pré-consciente. Isto assinala o início da divisão tópica em consciente, pré-consciente e inconsciente. A capacidade de executar

a respeito de sorriso indica ainda que, simultaneamente, entrou em operação o pensamento, que, tal como foi descrito, por FREUD, trata-se de uma atividade experimental, através do deslocamento de pequenas quantas de energia ao longo dos traços de memória.

Duas correntes trabalham juntas na formação da personalidade do bebê. Uma é representada pelo processo maturativo, a outra é o desenvolvimento psicológico; isto é, uma modificação que resulta num mais alto grau de diferenciação e que seja produzida, em parte pela influência ambiental, exercida primariamente pelas relações contínuas com o objeto que satisfaz as necessidades, em todas as situações essenciais para a sobrevivência do bebê.

Trata-se de um campo de forças, a partir do qual surgirá um centro dominante de integração, o primeiro organizador da psiquê. Se vier a ocorrer algum distúrbio neste campo de forças, o primeiro organizador da psiquê sofrerá uma modificação que terá importantes consequências sobre o desenvolvimento e a maturação futuros (SPITZ 1958). Tal modificação se evidenciará no campo somático ou no psicológico, ou ainda em ambos, e se manifestará, durante o desenrolar futuro das relações de objeto.

Em nossa cultura, o bebê apresenta uma mudança acentuada em algum momento, entre o sexto e o décimo mês. Pode-se observar um processo extraordinário em várias áreas da psiquê infantil, como por exemplo, na percepção, cognição, memória, relações objetais e na manifestação das emoções. Este desenvolvimento é deflagrado pelo surgimento daquilo que aqui é chamado de "angústia" dos oito meses.

O bebê que, até então, havia reagido com um sorriso à

aproximação de qualquer ser humano, subitamente expressa em graus variáveis seu desagrado à aproximação de uma pessoa que lhe é pouco familiar. Esta reação indica que ele se tornou capaz de distinguir as pessoas que lhe são familiares daquelas que não o são. Esta resposta é o indicador de que foi estabelecido o objeto libidinal propriamente dito, o qual será daí para diante distinguido de todos os outros. Com isto, começa a época na qual se tornam da maior importância o objeto de amor e as relações com esse objeto. Não é necessário salientar que um objeto de amor não pode existir antes que ele possa ser, com segurança, diferenciado de todos os outros.

Além disso, as "coisas" são diferenciadas uma das outras como o demonstra a escolha de um brinquedo predileto. Pode-se observar uma crescente discriminação entre os vários alimentos. Tornam-se evidentes as nuances nas respostas afetivas, tais como o ciúme, a raiva, a fúria, a inveja e a possessividade, todas elas podendo ser observadas antes do final do primeiro ano. Em especial, estas reações afetivas melhor diferenciadas, bem como a compreensão dos gestos sociais, das proibições e das ordens, se tornam parte e parcela das relações objetais, que assumem uma complexidade sempre crescente. Salientam-se também certos mecanismos de defesa, sendo a identificação o principal.

O desenvolvimento psicológico e as modificações que introduz são muito mais vulneráveis. O desenvolvimento psicológico é um produto de troca no contexto das relações objetais e é basicamente um fenômeno ontogenético. As forças que o determinam são extraordinariamente variáveis e o resultado também o será. É esta origem ontogenética que torna tão vulneráveis os resultados do desenvolvimento psicológico em geral e o período

organizador em particular.

Evidencia-se também, através das mudanças no comportamento da criança, que o Ego é agora muito diferente do Ego rudimentar alcançado aos três meses. O Ego desenvolveu uma série de sistemas, tais como a memória, a percepção do pensamento, a capacidade de julgar, além de mecanismos auxiliares, tais como a compreensão do espaço, o gesto social e, pouco mais tarde, a capacidade de locomoção: tudo isto torna-o uma estrutura mais eficaz mas também mais complexa. Pode-se dizer que agora o Ego assumiu seu lugar. Portanto, não é de surpreender deparar-se, já a essa altura, por um lado, com o início dos mecanismos de defesa do Ego e, por outro, com o surgimento daquilo que se pode chamar propriamente de doença psiquiátrica, nos casos em que este desenvolvimento se apresenta perturbado.

O terceiro organizador é a aquisição da linguagem, que ocorre por meio de estágios sucessivos. As formas de linguagem empregadas pela criança até o décimo mês de vida são, em princípio, bastante diferentes da comunicação adulta. De forma semelhante ao período em que o objeto era aquele que satisfazia suas necessidades nos primeiros meses do bebê, observa-se agora um período global que expressa necessidade e que são as únicas utilizadas até os dezoito meses. Apenas após esta idade, começa a surgir a linguagem no sentido adulto.

A linguagem, como organizadora dos processos de pensamento, das operações mentais, tem que ser específica. Com o início da linguagem, o Ego adquire muitas funções novas, dentre as quais a da abstração e, igualmente importante à luz das investigações de PIAGET, a da reversibilidade. Além disso, a linguagem

permite um enriquecimento extraordinário das relações de objeto, das quais se torna o principal instrumento de manipulação. Simultaneamente, uma grande quantidade de novos mecanismos de defesa são colocados à disposição do Ego. Tem início, ao mesmo tempo, o período da teimosia anal, do negativismo, em todas as complexidades resultantes no campo das relações objetais, das defesas e da forma do caráter.

A aquisição do gesto "NÃO" representa um momento de clivagem no desenvolvimento mental e psicológico; daí por diante; inicia-se uma nova forma de ser: a substituição da ação pela comunicação. Dá início à implantação dos mecanismos de defesa em sua forma mais permanente, coincidindo e interagindo com as manifestações do estágio anal. A aquisição do gesto prenuncia o despertar das funções intelectuais superiores e sua colocação a serviço da adaptação e do domínio (reversibilidade, desenvolvimento da linguagem e processos de pensamento que envolvem a abstração).

O organizador é um construto teórico. Designa um estado de coordenação e de integração de um certo número de funções somáticas e psicológicas. O resultado desta integração é um novo nível de organização que, na realidade, muda as propriedades dos elementos dos quais se origina. No entanto, o caminho que conduz a esta integração de funções isoladas é pavimentado pelas relações objetais da criança, por experiências de natureza afetiva. Sendo assim, o indicador do organizador da psiquê será de natureza afetiva; é claramente um compromisso em todos os demais setores da personalidade.

O primeiro dos organizadores da psiquê estrutura a percepção e estabelece as primícias do Ego. O segundo integra

as relações de objeto com os impulsos e estabelece o Ego como uma estrutura psíquica organizada com uma variedade de sistemas, mecanismos e funções. Finalmente, o terceiro organizador abre o caminho para o desenvolvimento de relações objetais segundo o padrão humano, ou seja, o padrão de comunicação semântica. Isto torna possível tanto a emergência do "EU" (self) quanto o início de relações sociais ao nível humano.

Esses três primeiros estágios são de extraordinária importância para o desenvolvimento psicológico posterior. Constituem os passos pré-humanos nos caminhos da humanização. A maturação, inata e derivada da filogênese, desempenha um papel primordial nisto, embora esse papel vá decrescendo progressivamente.

Contudo, o desequilíbrio desenvolvimental em qualquer desses estágios resulta em pontos de fixação de importância decisiva. Isto porque uma regressão a um tal ponto de fixação perturbará necessariamente o desenvolvimento subsequente, mais vulnerável, dos padrões humanos de adaptação, de aquisição de habilidade e de defesas.

R. SPITZ investiga o início da comunicação semântica e verbal, o início dos processos de pensamento e da formação de conceitos. Parte de pressupostos freudianos contidos no "PROJECT FOR A SCIENTIFIC PSYCHOLOGY" (1895). Ali, referindo-se a um esforço para descarregar um ímpeto liberado através das vias motóricas, ele afirma que a primeira via a ser seguida é aquela que conduz a uma alteração interna (por exemplo, expressão emocional, grito ou inervação vascular). Ele diz que esta descarga, em si mesma, não poderia resultar em alívio da tensão.

O alívio da tensão só pode ser logrado pela ação que gera alteração no mundo exterior; esta ação do organismo humano não pode realizar-se sem suas primeiras fases. Portanto, uma ajuda exterior deve ser atraída para aliviar a condição da criança, por exemplo, com a mediação do choro. E afirma FREUD - "Esta via de descarga, assim, ganha uma função secundária extremamente importante, a saber, a de produzir uma compreensão com outras pessoas e o desamparo original dos seres humanos constitui, dessa forma, a fonte primeira de todos os motivos morais".

A tentativa do bebê de uma descarga motórica direta da tensão não obtém, por si, qualquer êxito, mas em consequência dela se desenvolve uma função secundária do mesmo processo. O estabelecimento desta função secundária de descarga, a saber, a comunicação dirigida do bebê, pertence a um estágio mais avançado de desenvolvimento. Seu pré-requisito é que a percepção e a memória já estejam desenvolvidas no bebê, de forma que ele possa ligar a percepção auditiva de seu próprio choro de descarga com o traço de memória do alívio de tensão propiciada consequentemente pelo ambiente.

Embora pertencendo a um ciclo avançado no desenvolvimento mental do bebê, trata-se ainda de um precursor bastante precoce na comunicação verbal. A comunicação do bebê opera neste nível arcaico durante muitos meses, antes que daí se origine a comunicação verbal.

Para SPITZ, o comportamento de prensão labial ao redor do bico do seio, posteriormente o fechamento da mão e dos dedos a redor do seio, são os precursores e protótipo das relações de objeto. Este comportamento de cerrar se prolonga inin-

terruptamente sob uma variedade de modificações, não apenas através do primeiro e do segundo ano, mas praticamente pela vida inteira. A expressão proverbial "agarrado" à saia da mãe, é muito mais do que uma forma metafórica de falar.

O brincar da mão e dos dedos sobre os seios é uma das muitas formas primárias de reciprocidade entre a mãe e a criança.

Não pode haver dúvida de que é percebido pela mãe como uma primeira forma de comunicação, como sinais a um nível muito elementar. Tais sinais são enviados pelo bebê enquanto se alimenta; neste estágio, não são instrucionais ou dirigidos: ocorrem simplesmente como uma função de processos interiores que encontram sua descarga sob a forma de ação muscular. Em seu aspecto mais óbvio, esta ação muscular consiste em contrações mais rítmicas do bebê. Menos óbvia, mas sempre presente, é a agitação do corpo do bebê, bem como movimentos de suas pernas; em nada óbvia para o observador, mas óbvia para a mãe é a atividade bucal do bebê sobre o bico do seio, a atividade de sugar, lamber, e mordiscar.

Não devemos desprezar o fato de que as vocalizações do bebê faminto antes da alimentação, seja chorando, gritando ou gemendo, também agem como sinais que a mãe recebe e percebe em dois níveis: (1) o nível cognitivo consciente, no qual ela reage pegando o bebê no colo, embalando-o, ajustando sua posição, e etc; (2) o nível inconsciente, no qual seus afetos e funções autônomas são mobilizadas.

Nas primeiras semanas de vida, não existe volição: "agarrar o bico do seio" é consumação da função de aproximação

do enraizamento. Todas as outras atividades no início da vida são descoordenadas, causais e não apresentam qualquer padrão digno de nota ou predizível. No início não existe comportamento no sentido de um padrão organizado de atividade, com apenas uma exceção: o comportamento de enraizamento.

O enraizamento mostra um grau relativamente alto de coordenação, é dirigido, tem um objetivo e um êxito específicos pois o comportamento prossegue até que o objetivo seja atingido e cessa quando este foi alcançado.

É o único padrão de comportamento no qual o impulso se manifesta visivelmente e que apresenta um gradiente de redução de necessidade. A qualidade positiva de "direção para" do impulso encontra sua expressão na dirigibilidade do enraizamento.

A não existência de uma expressão enraizada da negatividade do recém-nascido duplica a observação do postulado de FREUD "...nunca descobrimos um "NÃO" no inconsciente..." (1925). E, naturalmente, a consciência ou mesmo a percepção, não podem ser demonstradas no recém-nascido, como tão pouco a volição. Quando a percepção, a memória, a consciência e a volição emergem em algum ponto do curso do terceiro mês de vida, o comportamento do bebê pode começar a expressar recusa; até aí, a recusa no máximo tem uma forma psicológica, a criança para de sugar ou vomita o que ingeriu.

FREUD descreveu a percepção, assim como os processos de pensamento em termos do que hoje chamaríamos de atividade selecionadora do aparato psíquico. No caso de percepção, ele fala especificamente de "amostra", no caso de processo de pensamento

ele se referiu a uma "ação tentativa". Podemos acrescentar a isto que a atividade de seleção ocorre segundo o modelo do chamado comportamento "tentativa-e-erro" de todos os animais. No recém-nascido humano, aparece sob a forma de enraizamento. Consiste de uma ação que faz uma amostragem ambiente, retira-se, repete a amostragem em uma outra direção, etc: até que o objetivo da gratificação da necessidade seja atingido. A percepção faz o mesmo com um gasto menor de energia muscular. O processo de pensamento por fim, é uma seleção da representação interior do ambiente, sem qualquer gasto de energia muscular, e com quantidades mínimas de catexia.

A crescente coordenação da percepção tátil e da ação muscular, assim como da percepção visual a partir do terceiro mês, colaboram para tornar a preensão do bico do seio pela boca mais fácil e segura, até o ponto em que um movimento de cabeça seja suficiente. Simultaneamente com este processo, e independentemente dele, a criança desenvolve um novo comportamento com o qual indica sua saciedade e seu desejo de terminar a alimentação. Ela vira a cabeça de um lado para o outro energicamente, afastando-se do bico do seio insistente.

Este comportamento de evitamento é muito similar, em seus aspectos motores, aos movimento de enraizamento. Mas, embora o padrão do movimento não se tenha alterado, seu objetivo tornou-se o oposto. O enraizamento tinha a função de encontrar o bico do seio; o evitamento significa a recusa dele. O mesmíssimo movimento, ao reaparecer no segundo ano de vida como indicativo de "NÃO", é dotado com o significado do comportamento de evitamento (a saber, recusa).

O evitamento da criança de três a seis meses propicia o elo ausente-entre os movimentos de enraizamento e o emprego eventual do mesmo padrão motórico do gesto de "NÃO". A sequência que conduz ao meneio da cabeça "NÃO", desta maneira, aparece como consistindo de três estágios:

- 1) enraizamento, um padrão motor de seleção filogeneticamente estabelecido, aparecendo ao nível de não-diferenciação;
- 2) comportamento de evitamento pela saciedade, uma recusa consciente, aparecendo no início das relações de objeto recíprocas elementares;
- 3) meneio de cabeça "NÃO", um gesto semântico, ao nível das relações de objeto em que a comunicação semântica, com a ajuda de símbolos verbais, se inicia por meio da aquisição do símbolo de negação.

O uso volitivo do conteúdo ideacional da negação no gesto semântico do "NÃO" é, fora de toda dúvida, a realização intelectual e semântica mais notável na primeira infância. Exerce um grande papel nas relações infantis com seu ambiente. E, mais provável, é o sinal manifesto do exercício infantil de sua função de julgamento. Provavelmente é a primeira conquista do símbolo - gestual ou verbal para um conceito abstrato.

As palavras para designar as coisas concretas e as pessoais são parcialmente criadas muito cedo pelas crianças. Aparecem, já no final do primeiro ano, sob a forma de "palavras globais", tais como: Ma-ma. A primeira palavra global é empregada pela criança para comunicar suas necessidades ao objeto libidinal, ou seja, à mãe, que é também sua executora. Ela signi-

fica indiscriminadamente fome, cansaço, desconforto, etc.; e o desejo de ser aliviado, assim como significa biscoito, brinquedo, mãe e o desejo disso. Outras palavras globais são adquiridas nas semanas seguintes pela criança e uma certa medida de especialização de palavras singulares é conseguida. Estes primeiros símbolos verbais significando necessidade manifestadamente são, ainda, da natureza de um apelo.

Um novo nível de integração é alcançado após dezoito meses de vida. Os símbolos verbais que agora são adquiridos se empregam não apenas com o propósito de apelo, mas também com o fim de descrição, e uma sintaxe individual específica é elaborada. Agora os símbolos verbais podem preencher a função de abstração. O gesto de negação semântica de meneio de cabeça é o indicador visível do fato de que a abstração de uma recusa ou negação foi atingida pela criança.

Esta é a primeira abstração e seu gesto simbólico representa o conceito abstrato da atitude: "Eu não quero isto". Nessa medida, é o primeiro passo no caminho para a função simbólica mais ampla no campo verbal, que se inicia na segunda metade do segundo ano. A importância que o atingimento desta abstração singular, o meneio da cabeça "NÃO", representa para a criança se manifesta no fato de que se torna, por assim dizer, no "Slogan" triunfante de todo um período de desenvolvimento infantil, do qual os psicanalistas têm falado de diversas maneiras como o período negativista da criança. Tanto FREUD (1898) como ANNA FREUD (1951) referiram-se a este período também como o da teimosia anal.

O conceito de "NÃO" não existe no inconsciente. O ne-

gativo é uma criação do Ego, e está colocado a serviço da função de julgamento do Ego. Sua emergência eventual, portanto, está predicada ao estabelecimento das primeiras funções do Ego, a saber, a discriminação consciente, e ao início do processo secundário. A partir daí, um processo de evolução, transcorrendo através de todo o primeiro ano, leva à formação do que podemos chamar de conceito ideacional do negativo. Isto é logrado no segundo ano, entre o décimo quinto e o décimo oitavo meses de vida. Neste ponto, o padrão motórico (enraizamento) é realizado e o gesto de meneio da cabeça "NAO" se torna a expressão manifesta do negativo.

A ausência de consciência no recém-nascido pareceria mostrar que o assentimento ou, como preferirmos, a "afirmação", também não existe ao nascimento. Mas isto não é muito correto em termos do pensamento psicanalítico. É correto no que se refere ao conteúdo ideacional, mas, o protótipo da afirmação está presente no impulso. Na teoria psicanalítica, a afirmação implica uma conotação peculiar. A afirmação é o atributo essencial do instinto. Nenhuma contrapartida consciente, nenhum conteúdo ideacional é exigido para eliciar as propriedades apetitivas do impulso as quais se manifestam em sua qualidade direcional. Portanto, falar-se-á aqui de manifestações do impulso no comportamento arcaico tais como o enraizamento e outros fenômenos de descarga, como sendo "afirmativos".

A história do movimento afirmativo de cabeça é um pouco diferente daquela do movimento de meneio da cabeça. O enraizamento é um padrão biológico, com uma longa história que mergulha na filogênese. O balanço afirmativo de cabeça não é ina-

to. O aparato físico para executá-lo está potencialmente disponível, mas o padrão, enquanto tal, surge na ontogênese. Contudo, não se inicia por motivos psicológicos, mas por razões mecânicas. É apenas no curso das vicissitudes do desenvolvimento, após os três meses, que os motivos psicológicos se utilizarão do balanço afirmativo de cabeça para seus próprios fins.

O comportamento não verbal, basicamente o comportamento motor, é instrumental para a distinção entre o self e o meio ambiente. O self é o produto da consciência. É a consciência que tem o sujeito de que ele é uma entidade que sente e que age, separada e distinta dos objetos e do ambiente. Mas a consciência, uma função do Ego, passa por uma variedade de estágios de desenvolvimento. O sistema do Ego tem seu início, como um Ego corporal, no terceiro mês de vida. Neste estágio, trata-se de uma organização central e de controle, que desempenha suas funções com a ajuda da consciência incipiente e da coordenação muscular iniciante.

O self, que é uma continuação do "EU", a um nível mais elevado, é o produto dos processos intrapsíquicos que se dão como resultado das vicissitudes das relações de objeto. No estágio precursor das relações de objeto, o sujeito era uma parte constituinte do "Não-Eu", do qual se segregou passo por passo, iniciando como objeto parcial. Ele adquire a dignidade de objeto de amor como resultado de intercâmbio emocionais que se desenvolvem progressivamente até se tornarem verdadeiras relações de objeto.

Estas relações são medidas pelo funcionamento do Ego; por sua vez, em um processo circular, provocam no Ego uma es-

truturação de complexidade sempre crescente, que ganha efetividade por meio de sua progressiva integração. O Ego implementa estas relações através da instrumentalidade do "EU". No curso deste processo, o "EU" aumenta cargas catéticas. O investimento catético crescente por fim compele o Ego a tomar consciência da função do "EU" no desdobramento das relações de objeto. Por meio desta consciência do Ego, o "EU" agora alcança a sua identidade como "self".

O "self", mesmo no adulto, sempre apresenta um traço de sua origem. Pois suas origens estão, de um lado, intimamente ligadas ao corpo e às suas funções (SCHILDER, 1935), e de outro lado, aos intercâmbios no curso das relações de objetos. Esta dupla origem, a narcisística e a social, pode ser rastreada em todas as referências ao self, por exemplo, auto-(self)-consideração, auto-(self)-suficiência, etc. Todas as formas de auto-(self)-consciência combinam a consciência que o Ego tem de sua própria pessoa, mesclada à consciência da reação "dos outros" a isto. Isto já foi vislumbrado por FREUD, (1914), em sua observação de que "parte da auto-(self)-consideração é primária -o resíduo do narcisismo infantil, uma outra parte surge dessa onipotência tal como corroborará a experiência (a realização do Ego ideal), enquanto uma terceira parte se origina da gratificação da libido de "objeto".

Os passos que levam à emergência do "self" consistem de fases sucessivas de crescente diferenciação no interior da psiquê e da crescente consciência do sujeito de sua separação do ambiente que o circunda. Não existe tal consciência na primeira dessas fases ao nível etário de três meses, onde o mundo da criança está dividido em "EU" e "NAO-EU". Como foi demonstra

do por experimentos, não há qualquer diferença entre o meio ambiente animado e inanimado na medida em que possuem certos atributos gestálticos primitivos.

O passo seguinte se verifica quando ocorre uma diferença entre o ambiente vivo e o mundo inanimado. Esta discriminação se inicia no curso da segunda metade do primeiro ano, por volta do oitavo mês de vida, quando a criança se torna capaz, de distinguir o objeto libidinal dos estranhos. A ansiedade dos oito meses marca o início das relações de objeto propriamente ditas e abre o espaço para a consciência incipiente do self. A diferenciação do "EU" ao "Não-Eu" estabelece a separação do sujeito face a seu ambiente. O início das relações de objeto propriamente ditas estabelece a mãe como objeto de amor e, portanto, como separada do sujeito. Paradoxalmente, tais relações podem ser chamadas de uma defesa contra uma consciência crescente da separação. Quando a criança é gradual e progressivamente privada da intimidade e contato epidérmico, ela os substitui criando os laços emocionais.

Por outro lado, a crescente autonomia da criança e seu desejo de independência a tornam ainda mais agudamente consciente de sua separação e isolamento nos seis meses seguintes. Isto culmina quando a criança volta o artifício adquirido por meio da "identificação com o agressor" contra o objeto libidinal, por volta do décimo quinto mês de vida. O indicador claro deste evento é o emprego que faz a criança do "Não" (em gestos e palavras), apropriado do adulto pela criança. Ele se torna um instrumento não apenas para elaborar ainda mais o isolamento entre a criança e o adulto, mas também para objetivar o

próprio self da criança.

Esta tendência à separação é contrabalançada desde o início pela tendência infantil mais óbvia de apegar-se à mãe. A presença simultânea na criança de tendências diametralmente opostas a partir do nascimento, nunca poderia receber uma ênfase exagerada. Elas têm sua contrapartida exata na existência de tendências similares na mãe. Com o corte do cordão umbilical, ocorre uma clivagem entre mãe e filho. Eles se tornam entidades físicas isoladas. Ao mesmo tempo, como se guiados por uma necessidade desesperada de restabelecer o estado anterior, mãe e filho se empenham em um contato tão íntimo quanto possível, culminando no ato da amamentação. Porém, ao fim da amamentação, novamente eles são apartados, um ciclo que é reiniciado a cada ato de alimentação.

As repetidas frustrações, impostas pelas demoras entre a necessidade e a consumação do desejo infantil de mamar, reforçam a diferenciação entre "Não-Eu". Isto coloca o bebê como uma entidade psicológica separada, mais ou menos três meses do corte do cordão umbilical, que o colocou como entidade física isolada.

Do ponto de vista das primeiras relações de objeto, nunca devemos perder de vista este processo circular no qual as tendências diametralmente opostas da criança, agarrar-se e separar-se, se espalham nos impulsos igualmente conflitantes da mãe; envolver e remover. Em circunstâncias normais, nos primeiros meses as tendências antitéticas de mãe estão em uma interação harmoniosa com as tendências antitéticas da criança. Com o crescimento da autonomia infantil, a sincronicidade da mãe e

filho sofrem perturbações mais frequentes. Tais incidentes assíncronicos, assim como as tentativas de ambos os lados para restabelecer a sincronicidade, contribuem grandemente para o enriquecimento do desenvolvimento das relações objetais.

O pré-requisito mínimo para relações de objeto verdadeiras é a existência de um Ego razoavelmente integrado e organizado, concomitantemente com a capacidade de distinguir o objeto libidinal de todas as outras pessoas do mundo. As relações que precedem o estabelecimento das verdadeiras relações de objeto são muito mais da natureza de gratificação pura de necessidade. O que não impede que tais relações sejam de uma natureza complexa. Suas exigências frequentemente não se satisfazem com facilidade e substituí-las pode apresentar grandes problemas.

A pura gratificação de necessidade do período anterior às relações de objeto (variando da alimentação ao contato corporal e epidérmico) implicam elementos bem mais simples, relativamente fáceis de produzir e reproduzir. Mas relações de objeto verdadeiras imediatamente a gratificação de necessidade com o intercâmbio emocional e psicológico; este forma a urdidura e o tecido de elos emocionais altamente individualizados. Tais laços não podem ser substituídos, quando se rompem. Podem formar-se elos novos, uma tarefa extremamente difícil. Exige a anuência tanto da mãe substituta como da criança. Os dois devem passar pelos preliminares desarticulados e rudimentares que levam, na criança normal, ao desenvolvimento das relações pré-objetais; e daí à formação das verdadeiras relações de objeto. Em nosso raciocínio, procedemos partindo do ponto em que a mãe e filho se tornaram entidades físicas isoladas, após o parto, até se torna-

rem entidades psicológicas isoladas, após a divisão do "EU" em face de "Não-Eu"; o passo seguinte ocorre no terceiro trimestre do primeiro ano quando os contatos de corpo e pele começam a rarear e são substituídos por laços emocionais. O desenvolvimento progressivo desses laços emocionais nos seis meses seguintes, seu processamento dinâmico com a ajuda da identificação com o agressor, leva à criação do self. O bebê que, a partir da entidade física separada, tornou-se entidade psicológica isolada, finalmente se coloca como uma unidade social separada, como pessoa, por intermédio da confrontação do self e do não-self, a saber, "o outro".

Há uma variedade de paralelos surpreendentes entre a autogênese do self e a diferenciação entre o "EU" e o "Não-Eu". Em ambos os casos, a frustração exerce um papel fundamental.

A criança é obrigada a distinguir o "Eu" do "Não-Eu", aos três meses, devido à frustração de suas necessidades orais quando deseja o seio. Similarmente, o bebê, aos quinze meses, é obrigado a tornar-se consciente da diferença entre o self e o "outro", devido à frustração imposta à sua volição pelo "Não" do objeto libidinal.

No curso dos doze meses seguintes, um número crescente de sistemas e funções do Ego caem sob o domínio do princípio de realidade. Quando aos quinze meses, a criança diferencia o self do "outro", ela precisa, além disso, assumir algumas das funções do objeto de amor. Trata-se das funções que o objeto libidinal realizava em sua capacidade de Ego externo da criança, por exemplo a de ser o executivo da criança no campo da locomoção, de entreter a criança etc. Menos evidente, embora mais

importante, é o papel do objeto libidinal na realização do teste de realidade para a criança. Isto significa que a criança, agora, entra em choque literal com um número sempre crescente de duros fatos de realidade. Antes, a mãe a carregava de um lugar para outro, incólume, a uma velocidade razoável. Agora, a criança corre muito depressa, perde seu equilíbrio e bate dolorosamente a cabeça contra o batente da porte. Tais experiências a obrigam a "avaliar" (JACOBSON 1954), suas capacidades de locomoção, de equilíbrio, de percepção de profundidade, em uma palavra, as limitações de seu self físico. Ela é obrigada a relacionar uma parte de sua pessoa após outra com o ambiente, ampliando assim o escopo de seus processos de pensamento e, concomitantemente, de suas funções psíquicas, choques de uma natureza diferente a confrontam no campo das emoções. Os resultados são similares, exceto que a reavaliação deve ocorrer pela relação entre ela própria e o "outro".

A aquisição do "Não" é o indicador de um novo nível de autonomia, da consciência do "outro" e da consciência do "self"; é o início de uma reestruturação da mentação ("mentation") a um nível mais elevado de complexidade; inicia um amplo desenvolvimento do Ego, na estrutura do qual a dominação do princípio de realidade sobre o princípio do prazer se torna cada vez mais estabelecida.

A direção tomada por este desenvolvimento do Ego se torna mais evidente nos jogos de assumir papéis que se iniciam caracteristicamente no curso da primeira metade do segundo ano, ao redor dos quinze meses de idade. Aí a criança toma sua boneca, alimenta-a com mamadeira, coloca-a na cama, emprega o ges-

to de "Não" para a boneca. Uma certa margem de autoconsciência é evidente nesses desempenhos.

Nestas brincadeiras, é evidente uma clivagem entre o Ego e o self. O Ego reestruturado objetivou o self, tomando-o como um objeto. O Ego se vale aqui do mesmo artifício em relação ao self que aprendera a usar contra a mãe a saber, o "Não". Ele aprendera a usar este artifício com a ajuda da identificação com o agressor; isto levou a uma objetivação crescente da mãe. Empregando agora o "Não" em seus jogos, provocará uma crescente objetivação do self.

No mecanismo do deslocamento da catexia que se dá no curso da identificação com o agressor, a submissão passiva ao desprazer é substituída pela agressão ativa. Esta reestruturação tem uma contrapartida ideacional, ou seja, a primeira emergência da capacidade de abstração. É provável que os deslocamentos de catexia agressiva sejam responsáveis por uma variedade de operações mentais, entre as quais, a da abstração.

A consciência incipiente do self está predicada à consciência do "outro". Um testemunho iniludível desta auto-consciência é fornecido por volta dos dezoito meses, quando a criança começa a falar de si mesma na terceira pessoa.

Quando a criança se vale da mentação ("mentation") para expressar a agressão contra o objeto libidinal, adquire ao mesmo tempo um novo veículo para suas relações de objeto. Este veículo é a comunicação semântica.

A comunicação semântica abre a porta da esfera privada das relações de objeto arcaicas para uma esfera mais ampla de relações sociais. O resultado é um extraordinário enriqueci-

mento por intermédio da introdução de uma nova dimensão nas relações mãe-filho. Os impulsos libidinosos e agressivos, até agora, foram descarregados na estrutura das relações do objeto por meio da ação muscular volitiva direta. Agora, os processos ideacionais se interpõem, o julgamento entra no jogo, é feita uma escolha entre o "Não" e o "Sim". No lugar da ação muscular direta, uma nova função se torna disponível: o uso do "Não" contra o objeto libidinal. Este importante passo introduz uma alternativa da discussão em lugar do ataque, uma realização encontrável apenas entre os humanos. Assim, podem iniciar-se os intercâmbios sociais.

A capacidade de empregar operações mentais e de comunicá-las por meio de símbolos verbais, em lugar de ter que agir, em lugar de ter que recorrer à luta ou à fuga, confere uma nova medida de autonomia à criança. Esta medida de autonomia ou é concomitante ou resulta na incipiente consciência do self. A criança, como uma pessoa independente, com uma vontade que é dela, confronta-se com o "outro", que é igualmente independente, que é também uma pessoa separada com uma vontade própria. Antes de alcançar esta autonomia, os recursos disponíveis à criança permitiam apenas a descarga direta do impulso, seguindo o princípio de prazer, por meio de ação muscular. Agora, ela tem uma alternativa, ou seja, a comunicação por intermédio de símbolos verbais (ou gestuais). Isto eleva as relações de objeto do nível do impulso instintivo para o nível das relações sociais.

Quando se torna possível empregar a recusa ou o assentimento verbal, em lugar do ódio ou do amor, da resistência ou da submissão, da luta ou da fuga, então tem início a negociação e a discussão. A ação foi deslocada pela comunicação a ní-

vel social.

Quando a criança se transforma na executora de seus próprios desejos, ela também deve tornar-se o auto-observador que foi sua mãe. A criança é agora obrigada a combinar a função do executor com a função do vigilante. A estas funções ele deve aplicar uma terceira, a do julgamento. A combinação destas três funções lhe permitirá aprender a partir da experiência.

A existência e o funcionamento das relações de objeto são premissas indispensáveis na construção, organização e interação dessas três funções. Por sua vez, a interação de execução, vigilância e julgamento é a premissa necessária para a fixação dos traços de memória, exigíveis para a aprendizagem por meio da experiência.

Bebês privados de afeto demonstram extraordinária dificuldade de aprendizagem. Uma de suas características é incidentalmente também aquela das crianças chamadas psicopáticas ou esquizofrênicas, é que são incapazes de aprender a partir de experiências dolorosas. Elas só conseguem aprender a partir de experiências gratificantes. Parece que as experiências gratificantes abrem para elas uma via, embora frágil, até aquelas relações de objeto das quais foram privadas.

O nascimento na medida em que opera a separação do corpo infantil em relação à mãe, estabelece a criança como uma entidade física isolada. Aos três meses, a consciência infantil do "Não-Eu" é o indicador de que ela se tornou uma entidade psicológica isolada. Por fim, a consciência do self, no segundo ano de vida, é o indicador de que a criança começou a funcionar como uma entidade social separada. Cada um desses passos é for-

gado por meio da frustração. A frustração física força a criança a tornar-se entidade física separada. A frustração física também transforma a criança em uma entidade psicológica. Por contraste, a criança se torna uma entidade social por meio da frustração psicológica.

Cada um dos três conjuntos de frustração impõe uma submissão progressivamente crescente ao princípio de realidade. Ao nascimento, o processo do parto obriga o feto a passar de uma existência vegetativa para a adaptação da respiração autônoma, da ingestão oral e por fim, do metabolismo. Ao nível dos três meses a diferenciação entre o "EU" e o "Não-Eu", o atraso na gratificação de necessidade acelera o desenvolvimento da percepção e da ação muscular coordenada e dirigida. Com isto inicia-se o período em que o bebê se torna capaz de dirigir-se volitivamente para alcançar o que deseja.

Quando o papel da mãe como executora dos desejos infantis se altera para o de protetora contra o perigo externo e de educadora nos caminhos da vida, ela passa a frustrar a criança. Ela inevitavelmente coloca conflitos de vontade entre a criança e ela própria, assim como conflitos intra-psíquicos na criança. A criança atingiu a locomoção ereta e experimenta um triunfante sentimento de liberdade, de independência, de orgulho de realização até agora desconhecidos. Mas este triunfo é limitado; em inúmeras oportunidades, a vontade da criança entra em conflito com a do objeto de amor e, com frequência muito grande, a vontade da criança será derrotada.

Antes de tornar-se capaz de coordenar a atividade muscular volitivamente, a criança vive no reinado da onipotência infantil. Seus desejos (necessidades), então, eram satisfeitos

pelo ambiente. Quando havia um atraso no atendimento, a gratificação alucinatória de necessidade dava um passo à frente. Isto era possível porque o teste de realidade, durante os seis meses de vida, praticamente não existe. O teste de realidade está predicado à disponibilidade de percepção e modalidade, as quais ou estão ausentes, ou são pouco desenvolvidas durante esse período.

Mas quando se alcança a coordenação muscular intencional dirigida e, depois dela, por volta do início do segundo ano, a locomoção, a experiência impõe à criança um rápido desenvolvimento do teste de realidade. Durante o período de transição, a mãe age como protetora da criança e ensina, passo por passo, a tornar-se sua própria protetora e observadora. O embate entre a vontade da criança e a da mãe leva a primeira a reconhecer os limites de sua vontade, de seu desejo e de suas fantasias a seu próprio respeito e, desse modo, os limites do self são estreitados e fixados. Pode-se dizer, sem qualquer exagero, que o self é modelado a partir de resquícios atrofiados da onipotência mágica.

2.1.2 - A Carência de Cuidados Maternos

A insuficiência da relação de dependência pode ser vinculada a três condições:

- | | |
|---|---------------------|
| a) Ausência de mãe ou substituto materno; | } Separação
Real |
| b) Descontinuidade da relação com o objeto materno; | |
| c) Insegurança das relações com o objeto materno. | |

As duas primeiras condições implicam uma separação real, seja por ausência (privation) seja por perda (deprivation).

As condições da separação da criança de sua mãe são as seguintes:

- A) Separação da mãe antes do estabelecimento de uma relação de dependência estável e asseguradora;
 - a) sem oportunidade de estabelecer, mais tarde, uma relação estável com um substituto materno (crianças em instituição): privação completa;
 - b) Temporariamente, sem oportunidade de estabelecer uma relação estável com um substituto materno mas com possibilidade de reatar relações com a mãe ou um substituto: privação temporária de duração mais ou menos longa;
 - c) Substituição imediata de uma figura materna com a qual a criança pode estabelecer uma relação estável e asseguradora, como na adoção precoce: provavelmente não se verifica uma privação apreciável.
- B) Separação da mãe ou de seu substituto depois que uma relação de dependência estável e asseguradora tenha sido estabelecida, e antes que a criança tenha idade suficiente para ser autônoma:
 - a) Separação antes da oportunidade de estabelecer uma relação estável e asseguradora com a mãe ou um substituto materno; é o caso mais grave da perda;
 - b) Separação com oportunidade de estabelecer posteriormente uma relação estável e asseguradora graças à intervenção de um substituto materno; apesar do apego a uma figura materna de substituição, pode haver perda temporária causada apenas pela ruptura inicial;

c) Separação temporária seguida da reunião com a mãe; igualmente perda temporária.

C) A expressão "carência de cuidados maternos" (de forma mais breve, "carência - ou frustração materna" foi empregada para designar diferentes situações que, isoladamente ou em conjunto, parecem ter consequências análogas. Os três tipos principais que foram objeto de pesquisas são os seguintes:

- a) A carência que se produz quando um bebê ou uma criança pequena vive numa instituição ou um hospital em que não encontra substituto materno apropriado, em que recebe uma maternagem isuficiente e onde por conseguinte, não tem possibilidades adequadas de interação com uma figura materna;
- b) A carência que se produz quando um bebê ou uma criança pequena vive com sua mãe (ou um substituto materno permanente) mas não recebe dela os cuidados suficientes e não tem possibilidades de interação com ela;
- c) A carência que resulta da inaptidão da criança à interação com uma figura materna mesmo quando uma figura materna está presente a seu lado e está pronta a lhe dar cuidados suficiente e esta inaptidão sendo consecutiva, e provavelmente devida, a rupturas repetidas dos vínculos que a criança havia estabelecido com figuras maternas (ou claramente, a carências anteriores). Em todos os casos, a carência materna implica uma insuficiência de interação entre a criança e uma figura materna.

Portanto, convém, distinguir entre:

A insuficiência de interação abrangidas pela carência; a distorção das interações, seja qual for sua importância quantitativa e a descontinuidade das relações criadas pela separação.

A - A Separação

Deve-se distinguir a noção de separação do conceito de carência materna, pois a primeira não implica obrigatoriamente a segunda. Ela só é geradora de carência se a criança for colocada num meio em que a interação com um substituto materno é insuficiente ou se os episódios de separação forem frequentes. Uma separação única pode não ser frustrante. Mas uma separação não frustrante pode, no entanto, tornar-se penosa para a criança se ela tiver idade suficiente para distinguir sua mãe das demais pessoas que a cercam e para ter-se apegado a ela sem ter, contudo, atingido a idade em que conservaria esse apego mesmo estando afastada dela.

Parece, pois, preferível só falar de separação mãe-filho se há interrupção de uma relação já formada. Não se poderiam englobar sob esse termo todos os casos de afastamento de uma criança de sua mãe, sem levar em consideração a idade da criança, a natureza do vínculo que existia entre sua mãe e ela e seu grau de maturidade.

Do estudo de D. Burlingham e Anna Freud, deduz-se claramente que a separação mãe-filho acarreta distúrbios marcantes, desde a segunda metade do primeiro ano de vida, e que a angústia assim criada persiste muitas vezes até a idade de dois a três anos.

J. Robertson, num estudo clínico, distingue três fases na reação à separação:

- a) Uma fase de protesto, durante a qual a criança chora, mostra sinais de sofrimento agudo e lança mão de todos os meios limitados de que dispõe para tentar reencontrar sua mãe.
- b) Uma fase de desespero, durante a qual a criança está cada vez mais desorientada fecha-se em si mesma e reduz seus esforços de reconquista da mãe, que parece considerar desaparecida para sempre.
- c) Uma fase de desapego (melhor chamada de "recusa"), ao longo da qual a criança se comporta como se se instalasse na separação, aceita os cuidados de qualquer substituto materno e perde qualquer apego por sua mãe.

Os efeitos da separação variam segundo a fase de reação à separação na qual se encontra o sujeito, e esta depende, por sua vez, de fatores tais como a idade no momento da separação, a duração da separação e a existência de um substituto materno durante a separação, a manutenção dos contatos com os pais e a qualidade da adaptação e das relações antes do episódio de separação.

Dessa forma D. Burlinghan e Anna Freud assinalam a mudança observada entre as crianças pequenas, desde que se decidiu destinar a cada uma delas uma pessoa que deveria desempenhar eletivamente o papel de substituto materno. Todas manifestaram muito rapidamente um apego espontâneo intenso e, a princípio ansioso ao substituto materno. Estabeleceram-se relações sociais com maior facilidade e se mostraram mais acessíveis às

influências educativas. Não obstante, deve-se notar que, em razão dos movimentos de pessoal, é difícil a uma instituição assegurar a cada criança os cuidados de um substituto materno único e que cada mudança de figura materna equivale a uma nova dolorosa separação para a criança.

J. Bowlby estudou as consequências da separação da mãe e do filho numa idade mais tardia e considera que elas sejam mais importante do que se pensa. A separação desencadeia um labor de luto análogo ao que se observa no adulto. Constatou que a perda da mãe por falecimento, tanto durante os cinco primeiros anos quanto no decorrer dos cinco anos seguintes, era um antecedente significativamente mais frequente entre os doentes dos hospitais psiquiátricos e entre as pessoas que apresentavam psiconeuroses ou distúrbios psicossomáticos. O mesmo acontece em relação à perda do pai, mas, nesse caso, o período crítico da criança situa-se entre cinco a dez anos.

J. Bowlby atribui especial importância aos estudos que ressaltam uma correlação entre os lutos experimentados na infância e os estados depressivos, pois pode observar uma analogia segura entre o desgosto e a aflição do adulto e a fase de desespero na reação à separação, na criança pequena. Considera também que o desapego defensivo que sucede ao desespero da criança pequena, sentido por uma separação frustrante de longa duração, impede o sujeito de normalmente superar sua dor e o predispõe a reações depressivas. Expôs os fundamentos teóricos dessa tese em diferentes artigos. A correlação entre lutos precoces e reações depressivas pode ser um dos efeitos mascarados de uma separação intensa e prolongada na mais tenra infância e esse efeito pode muito bem escapar à observação, até que as situações pre-

cipitantes reativem uma patologia latente.

B - As Sequelas

A carência prolongada e contínua, qualquer que seja o quadro vital em que ela intervém, tem por efeito retardar progressivamente o desenvolvimento intelectual do sujeito carente.

As funções mais afetadas por uma carência prolongada são o desenvolvimento da linguagem e das reações sociais.

Há um retardamento específico da função verbal, uma insuficiência da função de abstração. Entre as crianças frustradas, a linguagem que se situa na articulação das funções sensoriomotoras e das relações com o outro, e que é objeto de investimentos precoces mas particularmente lábeis e rapidamente questionados, é evidentemente mais exposta que outras funções.

As crianças internas em instituições e que aí são deixadas por diversos meses não constituem uma amostra válida da população; geralmente provêm das camadas mais baixas da população e desfavorecidas no plano intelectual, afetivo e sócio-econômico. Quanto menos satisfações ofereceu uma criança a sua mãe anteriormente, maiores são os riscos que ela corre de ser internada e esquecida na instituição. Por causa disso, numa amostra semelhante, a percentagem de retardados congênitos das sequelas de encefalopatia pré- ou pós-natal, seria mais elevada.

Atualmente, concorda-se com a noção de que, nas atuais condições de hospitalização ou de internação de crianças, os quadros mais graves de hospitalismo só podem aparecer se a criança já sofre de um distúrbio que a torna inapta a estabelecer relações, distúrbio esse consecutivo a uma encefalopatia ou a

uma estrutura psicótica precoce.

As sequelas afetivas:

O frustrado precoce, após a primeira fase de exacerbação das atividades relacionais, torna-se, em seguida, incapaz de estabelecer-las. Há um verdadeiro déficit que será a base carcomida e o estopim de uma inadaptabilidade social, condição fundamental de uma anti-sociabilidade ulterior.

Os sujeitos mais velhos procuram, sem discriminação, contatos humanos. O fenômeno foi considerado como característico da criança muito carente, por R. Lévy, W. Goldfarb e L. Bender. As crianças saídas de uma experiência de separação conservam uma sensibilidade muito grande as ameaças de separação e essa sensibilidade podem persistir por muito tempo.

G. Guex, em "La Névrose d'abandon", havia descrito as variações do caráter e suas relações com as frustrações precoces. Seu traço mais marcante é uma excessiva dependência em relação ao outro no campo da afeição recebida. Essas crianças estão sempre em débito, sedentas por afeição. Necessitam por à prova o doador para comprovar um amor que só tem valor aos olhos do abandonado se oferecido incondicionalmente. Com evidente masoquismo, esforçam-se em levar a prova a um ponto insuportável e em esmagar o diamante para assegurar-se de que ele não continha impurezas. Dependem realmente do mundo exterior e organizadas nessa forma de simbiose, são muito vulneráveis. Sua existência está inteiramente exposta às intempéries afetivas. Experimentam um sentimento quase sempre consciente de frustração que se expressa de todas as formas, ativamente, com reivindicação e avidez, ou passivamente, com dependência afetiva e condutas compen

satórias (sucção do polegar, absorção de alimento, absorção de conhecimentos).

Nos casos mais graves, o sujeito nem mesmo pode deixar-se amar fixando-se com uma espécie de compulsão trágica numa posição de frustração, da qual é difícil desalojá-lo.

O fracasso de outras soluções de colocação e, mais particularmente, da colocação em família constitui uma consequência por vezes dramáticas da carência materna, já que ela impede, ou torna aleatória, a própria medida que permitiria a terapêutica corretiva.

Segundo os estudos comparativos de G. Transler, em 50% dos casos o fracasso da adoção seria devido, principal ou secundariamente, aos efeitos que uma separação dos pais teve sobre a criança. Esses efeitos são sentimentos objetivos ou não de ser rejeitado, que acarretam tensão, angústia e uma inibição da resposta aos pais adotivos. É a permanência prolongada numa instituição, durante os primeiros anos de vida, após uma separação dos pais e antes da adoção, que constituiria o antecedente mais nitidamente associado a um fracasso ulterior da adoção. As adoções bem sucedidas são em geral, as que foram realizadas antes que a criança tenha atingido a idade de quatro anos, sob a condição de que só tenha passado por uma instituição por um período mínimo de tempo, entre a separação e a adoção. A carência inicial de cuidados, como se vê, compromete no futuro o aparecimento de respostas favoráveis frente às novas figuras parentais.

J. M. Williams dedicou-se a crianças de 5 a 11 anos, cuja adoção não fora bem sucedida e que ela tinha tido de retirar por causa das más relações que se estabeleceram. 80% desses

sujeitos tinham sido separados de sua mãe uma primeira vez antes de atingirem a idade de dois anos. Essas crianças carentes tinham no início, uma tendência a se mostrar sem inibição e impulsivas, mas, com a idade de sete anos, adquiriam atitudes defensivas e fechadas. Sentiam-se punidas, rejeitadas, abandonadas pelos pais, sôzinhas e desconcertadas. Além disso, negavam com frequência qualquer sentimento de dependência, reprimiam maciçamente seus sentimentos agressivos e careciam totalmente de amor próprio.

R. Spitz afirma que a carência materna pode parar o desenvolvimento em qualquer setor da personalidade. Mas essa carência não afeta igualmente todos os processos.

Na verdade, a diversidade dos efeitos da carência materna não é somente quantitativa, mas também qualitativa. Além disso, o mesmo tipo de carência, afetando o mesmo processo, traduz-se, segundo as crianças por sintomas diversos. E devem-se levar em consideração diversas noções como as de estágio, de ponto nodal na trama dos investimentos e da maturação, de momento fecundo ou privilegiado na estrutura de certos mecanismos funcionais.

Pode-se muito bem pensar que todas as experiências perturbadoras vividas ao longo das primeiras fases do desenvolvimento psicológico correm o risco, mais que todas as outras, segundo um princípio biológico muito geral, de suscitar efeitos duradouros, pois trata-se, nessa época, de um organismo em período de formação e de estruturação.

A idade da criança, ou mais precisamente, seu estágio de desenvolvimento, é uma das variáveis que mais influen-

ciam os processos afetados; dessa forma, é razoável ver nas observações feitas até agora uma prova de que as frustrações experimentadas durante o primeiro ano de vida afetam a função verbal e a função de abstração (e indiretamente o Q.I. e o Q.D.), mais do que uma carência sofrida numa idade avançada. Além disso, é provável que uma descontinuidade das relações repercute principalmente na aptidão para estabelecer vínculos afetivos, especialmente quando os episódios de separação das figuras maternas se repetiram com frequência.

As teorias da gênese da relação objetal evidenciam que a separação da mãe é especialmente perigosa no momento em que a verdadeira relação objetal se institui, isto é, no final do primeiro ano. Nos seis primeiros meses de vida, a mãe é apenas um objeto funcional cuja presença não é indispensável, pelo menos aparentemente, a não ser em caso de necessidade. Entretanto, um conjunto de contribuições maternas parece necessária para criar as bases ulteriores de uma relação objetal válida. Mas é no momento em que a criança reconhece sua mãe como tal que ela lhe é indispensável e que a carência de cuidados maternos sob forma de perda, corre o risco de ser a mais funesta.

As sequelas a longo prazo:

As frustrações precoces parecem desempenhar um papel incontestável em certas estruturas patológicas do caráter, tais como a excessiva dependência do outro apresentada por aqueles que, sempre sedentos de afeto, têm constantemente necessidade de que lhe dêem provas de amor.

S. Nacht descreveu as distorções do Ego em que um profundo masoquismo parece atuar. Considera que esses sujeitos so-

frem frustrações precoces importantes por parte de mães sádicas. Esses sujeitos vivem inteiramente sob o signo da frustração que se expressa através de sua reivindicação ativa e permanente.

Também quis se dar à frustração um papel na etiologia das psicoses. Entretanto, parece discutível reduzir a etiologia dos estados depressivos do adulto unicamente à depressão anafílica. Seu papel na esquizofrenia também foi considerado. Pode-se lembrar aqui o valor terapêutico da maternagem sistemática ou empírica que sempre aparece por ocasião dos mais variados tratamentos dessa afecção. Muitos autores, em particular, André Green, mostraram que as mães de esquizofrênicos têm uma estrutura psicótica, são grevemente frustrantes e rejeitadoras. Portanto, houve sem dúvida uma distorção nas relações e uma frustração muito peculiar. Tais fatores foram também invocados acerca da origem do alcoolismo crônico, de distúrbios psicossomáticos, etc.

Após L. Bender, que descreveu a desordem psicopática do comportamento da infância, J. Bowlby, em sua obra sobre os 44 ladrões, ressaltou a tendência ao roubo dessas crianças desde cedo carentes. Sabe-se que, nessa obra que teve grande repercussão, as 44 crianças ladras distinguiram-se das do grupo de controle pelo fato de se conduzirem como indiferentes afetivos. Quase metade delas havia sofrido uma separação completa de pelo menos seis meses durante os cinco primeiros anos de suas vidas. Isso não acontecera com as crianças que não roubavam. Pretendeu-se emprestar a Bowlby palavras que ele não escrevera e, por exemplo, ele não pensa que isso se dê com todos os delinquentes. Tampouco estabeleceu uma reação de causa e efeito direta entre a separação e a carência, de um lado, e delinquência por outro.

Kate Friedlander fez uma descrição do caráter anti-social que confirma a existência de dificuldades nas experiências precoces com a mãe. Outros autores, pelo contrário, asseveraram que a carência materna desempenhou apenas um papel acessório no determinismo da delinquência. Parece mais exato dizer que há uma modificação da afetividade devida aos antecedentes de separação e de carência, e que ela mesma pode estar na origem da delinquência. Mas é necessária uma situação atual que determine a eclosão das manifestações anti-sociais. No caso da delinquência, a ausência de afetividade parece ser o produto de separações repetidas, iterativas.

Em resumo, portanto, a delinquência parece poder ser imputada em parte a um distúrbio do caráter, do qual um dos elementos primordiais seria a diminuição da aptidão para estabelecer vínculos afetivos. Como a carência materna precoce e grave, frequentemente associada a uma separação da mãe, é um antecedente importante naqueles delinquentes que apresentam esse tipo de caráter. Todavia, como nem todos os indiferentes afetivos se tornam delinquentes, devem existir outras circunstâncias que isolada, ou conjuntamente, fazem com que um indiferente afetivo se torne delinquente e outro não. Ao mesmo tempo, os estudos de Abdry e de Naess permitem pensar que simples separações da mãe sem carência pronunciada, não sejam, um antecedente frequente da delinquência.

Sem dúvida, deve-se considerar também como antecedente decisivo uma certa forma de distorção das relações precoces entre os pais e a criança, distorção essa que pode ou não se associar com uma experiência de separação.

É portanto necessário explorar muito atentamente os antecedentes, buscando as situações em que a distorção, a insuficiência e a descontinuidade das relações pais-filho puderam confundir-se e situar igualmente as relações pai-filho.

Numerosos estudos visaram determinar em que medida é reversível o retardamento intelectual devido à carência. Em geral, deduz-se que o atraso progressivo do desenvolvimento total, medido pelo quociente intelectual, pode ser detido, ou até mesmo invertido, se se dá um fim à situação frustrante ao longo dos dois primeiros anos de vida e, em particular, durante os 12 primeiros meses. A maternagem, proporcionada por uma única figura materna, parece ser mais eficaz a esse respeito que outras formas de estimulações pelo meio, mesmo em instituição. A adoção de crianças de Q.D. medíocre, que viveram em instituição, muitas vezes constitui-se no ponto de partida de um despertar espetacular, mensurável pela elevação do Q.D. ou do Q.I.. Parece que se trata de um efeito da boa qualidade do investimento e dos cuidados de uma única mãe boa que sucede a substitutos maternos múltiplos e mais indiferentes. Entretanto, às vezes, crianças muito despreendidas ou demasiado insensíveis não podem beneficiar-se dos cuidados de um substituto materno e a psicoterapia intensiva prévia pode produzir uma melhora surpreendente.

Talvez seja possível individualizar certos fatores que influenciam a irreversibilidade: R. Spitz havia pensado que o retardamento devido à depressão não é reversível quando a separação frustrante dura mais de cinco meses. Na verdade, certos autores mostraram que o retardamento causado por uma experiência frustrante no decorrer do primeiro ano de vida é menos fa-

cilmente reversível quando houve ruptura de um vínculo mãe-filho já estabelecido. Ao contrário, as crianças que tiveram relações medíocres com suas mães, antes de serem separadas delas, apresentaram distúrbios menores e sem dúvida mais facilmente reversíveis. A reversibilidade é menor quando a relação mãe-filho sofreu uma distorção desde a sua origem. Conforme indicamos acima, pode-se também pensar que o retorno a certos meios, semicarentiais ou que não oferecem a possibilidade de uma relação muito boa (quando, por exemplo, a personalidade da mãe está perturbada), não favorece a reversibilidade ou até mesmo a torna impossível. Finalmente, parece que experiências ulteriores de novas separações ou de novas carências reativam os processos desencadeados pela primeira separação e podem tornar as sequelas irreversíveis. Portanto falta apenas insistir nos efeitos seguramente graves e em parte irreversíveis da separação e da carência repetidas.

Embora seja difícil, para o bebê, diferenciar o mundo externo da mãe, que o representa por completo para ele, e separar o isolamento sensorial da privação objetal, Spitz delega um grande papel à falta de estimulação entre os fatores frustracionais do hospitalismo.

A carência sensitivo-sensorial, se bem que seja difícil separá-la da carência materna, é tanto mais patógena quando se exerce sobre um organismo em via de desenvolvimento.

A criança é sensível ao mundo exterior: alimenta-se dele e dele necessita antes mesmo de poder captá-lo em percepções organizadas e de fazer sua representação. Acontece com o mundo exterior o mesmo que acontece com o objeto: é precisa que ele exista primeiro para que o sujeito chegue a percebê-lo.

Na medida que o mundo inanimado é confundido pela criança, com o mundo animado, a carência aferencial faz parte da carência afetiva precoce. A situação de isolamento das aferências produz deslocamento em que o equilíbrio entre os dados íntero, próprio e exteroceptivos se dá em detrimento destes últimos e a favor dos primeiros.

Essa modificação de equilíbrio dinâmico modifica as fronteiras do Ego e altera o sentimento de identidade pessoal, cuja existência econômica depende de um equilíbrio justo entre os três grandes domínios aferentes. O conjunto das fronteiras do Ego desloca-se quando uma de suas frentes se encontra inativa. Aqui, a fronteira aberta para o mundo exterior torna-se inativa por falta de alimentos.

Para D. Rapaport e para S. Miller, a autonomia do ego é dupla, pois não é completamente dependente nem do Id nem do mundo exterior. Sua autonomia, em relação a cada um desses pólos a independência de um lado sendo diretamente proporcional à dependência do outro.

Se, pela carência de estímulos, se aumenta a autonomia em relação ao real, excluindo-o, tende-se a colocar o Ego à mercê do Id. P.C. Racamier, no final de seu artigo crítico, coloca o problema de saber se as coisas têm uma função na economia psíquica e, nesse caso, quais são sua natureza e sua importância. Mais do que distinguir os objetos animados dos objetos inanimados, prefere separar as coisas em objetos de desejos e objetos de presença que, apesar de nada lhes ser pedido e de nada nos pedirem, talvez não sirvam para nada na economia psíquica.

Para Searles, o ambiente não-humano conta muito e isso desde a infância primeira em que o indivíduo inicialmente não se diferencia absolutamente daquilo que o cerca, inclusive as coisas. A criança, quando reconhece o mundo exterior, isto é, quando admite que este não é um membro de si mesma, o encontra, em maior ou menor parte, constituído por um caos incontrollável e vertiginoso de objetos inanimados. A angústia que sente por causa disso se encontraria em nossa resistência de adultos em reconhecer a importância do mundo inanimado.

A diferenciação do animado e do inanimado é um processo longo e complexo que evolui em níveis de integração sucessivos ao longo de vários anos da infância, processo esse que atua no quadro e na dinâmica da relação de objeto. As crianças afetivamente carentes, num certo sentido, têm muito a ver com as pessoas, para poder se interessar pelas coisas que as cercam.

Não puderam lançar para o mundo exterior essa ponte que constitui o objeto transicional.

O mundo das coisas oferece à criança objetos relativamente pouco investidos cuja estabilidade quase não é ameaçada pelas vicissitudes das relações objetais, diante das quais as tomadas de consciência são facilitadas. Podem, portanto servir de receptáculos das projeções e contribuem incontestavelmente para o desenvolvimento da segurança emocional, da estabilidade emocional, da estabilidade e da continuidade da experiência da identidade pessoal. Esse mundo das coisas constitui um terreno neutro de experimentação que a ajuda a amadurecer posições em suas relações objetais.

Com eles (os objetos de percepção, e de percepção por vezes infraliminar, que só valem por sua presença, inertes à vista das pulsões mas não existentes), operamos uma relação do contato, relativamente independente do desejo. Essa relação, denominada relatedness em inglês, expressão intraduzível, possui uma importante função na economia psíquica. Sem dúvida, os objetos inanimados não interessam verdadeiramente à criança e só tomam corpo a partir do momento em que a relação objetal está constituída: e essa constituição exige a presença do objeto materno e também, decerto, a presença de objetos inanimados, que são também absorvidos antes mesmo de serem percebidos e que aliás não são distinguidos a princípio da mãe, de quem são então como a roupa ou os apêndices. Mas, já que o mundo existe, sua presença constitui para a criança uma fonte de estimulações e um alimento de desenvolvimento permanente; é por ter recebido coisas suficientes para sentir que a criança se torna capaz de perceber. Numa economia psíquica sã, o interesse pelas coisas é consubstancial ao interesse pelos seres.

Pode-se pensar então que a criança em estado de carência, ou, mais exatamente, na situação que a leva ao hospitalismo, sofreu não apenas de carência de ser humano, mas também dessa carência particular do mundo das coisas.

As conclusões de M. Ainsworth resumem de forma razoável nossos conhecimentos atuais nesse campo:

- a) A Reparação de danos que resultam de uma separação frustrante de curta duração parece ser bastante rápida e bastante completa no que se refere ao comportamento manifesto nas condições ordinárias. Entretanto, há ra-

zões para pensar que o sujeito permanece vulnerável às ameaças de separação que possam intervir em seguida: em outros tempos, haveria pelo menos um dano mascarado que impede de falar de reversibilidade completa.

- b) A supressão da carência, mesmo após experiências frustrantes bastante prolongadas na primeira infância, pode acarretar uma melhora rápida e considerável do comportamento manifesto e das funções intelectuais gerais; todavia, o aparecimento da palavra pode ser retardado mesmo que a carência cesse antes que o sujeito tenha atingido a idade de 12 meses, e não se pode excluir a possibilidade de efeitos sobre outros aspectos específicos dos processos intelectuais e das funções de personalidade, até que pesquisas profundas não tenham iluminado suficientemente o assunto.
- c) Quando é grave e prolongada, quando começa no início do primeiro ano de vida e persiste durante três anos, a carência geralmente tem efeitos muito prejudiciais, que parecem irreversíveis, tanto sobre os processos intelectuais quanto sobre a personalidade.
- d) Quando começam durante o segundo ano de vida, os episódios de carência grave e prolongada exercem, sobre a personalidade, alguns efeitos desfavoráveis que são, ao mesmo tempo, profundos e duradouros; contudo, os danos causados à inteligência parecem em geral, ser completamente reversíveis; a alteração específica das funções intelectuais ainda não foi estudada.

- e) Os efeitos da idade, no início e no fim da experiência de carência, condicionam, incontestavelmente a reversibilidade do dano mas não os conhecemos de forma bastante detalhada para fixar limites precisos a uma fase sensível do desenvolvimento deste ou daquele processo particular.
- f) De um modo geral, pode-se dizer que quanto menos o bebê tenha avançado em seu primeiro ano de vida, no momento em que a carência terminou (e, por conseguinte, menos longa tenha sido a carência), maiores possibilidades terá o desenvolvimento ulterior de ser normal; passado o primeiro ano, quanto mais idade tiver a criança quando a carência começou, mais fácil e completa será a repetição do dano causado por uma experiência de duração dada.
- g) Algumas alterações parecem ser menos facilmente e menos completamente reversíveis que outras; é o caso das que afetam a função verbal, a função de abstração e a aptidão em estabelecimento de ligações interpessoais profundas e duradouras.
- h) Uma psicoterapia intensiva, sobretudo se realizada enquanto a criança é ainda muito pequena, permite muitas vezes atenuar consideravelmente alguns efeitos muito graves, que a simples supressão da carência não basta para fazer desaparecer.
- i) Os episódios ulteriores de insuficiência, de distorção ou de descontinuidade das relações interpessoais podem prolongar ou fazer reaparecer alterações que de outra forma teriam sido mais ou menos completamente irreversíveis.

C - Incidências Psicossociais

Carência materna e separação mãe-filho evocam imediatamente os dados psicossociais de que são efeito, mas que, por sua vez elas podem agravar por suas consequências próprias e as desorganizações individuais que acarretam. É um problema relativamente recente, característico de nossa sociedade ocidental, industrializada e cada vez mais semelhantes a campos de concentração. Na verdade, não existem práticas institucionais nas sociedades primitivas, nessas sociedades, as assumidas por nossas instituições para a salvaguarda dos órfãos, das crianças cuja mãe está doente, das crianças aleijadas ou deficientes mentais e das crianças ilegítimas, são todas exercidas pela família ampliada para a tribo ou para os vizinhos. Tudo acontece a nível do indivíduo e evitam-se, dessa maneira, as consequências mais traumatizantes do internamento, devidas à despersonalização dos cuidados. Ao contrário, como uma solução radical às vezes se suprime a criança, tanto enterrando o recém-nascido com sua mãe que acaba de morrer, quanto expondo os mais deficientes deixando-os morrer lentamente. Somente aqueles considerados dignos de viver merecem atenções completamente pessoais.

As instituições próprias de nossa sociedade evoluída resultam de uma discordância entre, de um lado, nossa consciência social que exige que se façam esforços pessoais para proteger a criança, seja quem for e quaisquer que sejam suas deficiências, organizando diferentes serviços (de atendimento, de guarda etc.) encarregados de satisfazer as exigências de nossa moral impessoal e, de outro lado, nossa inaptidão em criar artificialmente ambientes pessoais em que as

crianças resgatadas possam receber cuidados adequados.

A maternagem biológica é um fato instintivo no mundo natural mas o cuidado deliberado prudente e dedicado proporcionado às crianças é fruto de toda uma aquisição cultural e humana. Entretanto, nossos orfanatos higiênicos mas impessoais, onde é possível que as crianças acabem morrendo, não deixam de ter certa analogia com as situações primitivas em que os sujeitos mais manifestadamente deficientes são eliminados, apesar dos cuidados aparentemente suficientes que os cercam.

Não devemos nunca perder de vista as diferenças muito reais que existem entre a aplicação despersonalizada e profissional de uma ética impessoal (nenhuma criança deve morrer nem sofrer em sua personalidade) e da ética pessoal (nosso filho deve ser protegido). Pode-se mesmo concluir: as práticas institucionais atuais, em comparação com as práticas primitivas, nada mais são que um meio radical de se livrar, dentro das formas admitidas, das crianças de que ninguém quer se ocupar. (Margaret Mead).

Essa autora tenta comparar o destino dos recém-nascidos na sociedade primitiva, onde a relação com a mãe é uma condição vital e as adulterações que essa relação sofreu nas outras sociedades, com os fracassos que decorrem desse fato.

O próprio R. Spitz sugeriu algumas razões fundamentais desta evolução. Vê nela a decadência progressiva da autoridade patriarcal introduzida pelo protestantismo. A rápida decomposição da relação mãe-filho seria uma consequência da industrialização da produção e da ideologia correlativa que separa a mãe de sua família, em nossa sociedade. Surgiram novas organizações

culturais tais como os asilos, os serviços de adoção, as assistências sociais, as creches, as puericultoras, etc.

O número considerável de assistentes sociais, de psicólogos e de psiquiatras de que se necessita seria, para Spitz, indubitavelmente menor, se se instaurasse uma psiquiatria social preventiva protegendo nossa civilização inteira dos perigos que representa a deterioração rápida das condições exigidas pelo desenvolvimento normal das primeiras relações objetivas na criança muito pequena. Em seguida, Spitz lembra as dificuldades desses pacientes mais tarde, na elaboração de uma transferência no decorrer das terapias. Isso permite compreender sua metamorfose em suas relações sociais e interpessoais. Por essa razão, esses adultos correm o risco de se tornar sociais ou antissociais, para colaborar na destruição de uma ordem social da qual são as vítimas.

2.1.3 - As Consequências da Privação Afetiva

Estudos realizados com as crianças submetidas a privação afetiva parcial demonstraram que a separação da mãe após mais ou menos seis meses de boas relações levam à depressão anaclítica. As crianças submetidas a carência total sofriam de retardo no desenvolvimento motor e de passividade total, ficando em seus berços com o rosto vazio de expressão, com ar geralmente idiota e apresentando, com frequência, uma coordenação ocular defeituosa. Não chegaram sequer ao período em que a criança consegue dar voltas em torno de si mesma encolhendo-se com a boca para baixo quando alguém se aproxima.

Depois de certo tempo a motricidade se manifestou em

algumas destas crianças em forma de spasmus nutans, com movimentos estranhos dos dedos, que recordavam os movimentos catatônicos ou descerebrados. O nível de desenvolvimento sofre uma modificação contínua, e ao final do segundo ano, alcança nos testes uma média de 45% do total. É o nível da IDIOTIA. A pouca resistência a infecções por uma parte, e a deterioração progressiva, por outra, darão nestas crianças uma porcentagem elevada de marasmo e morte.

A depressão anaclítica e o hospitalismo demonstram que a ausência de relações objetais causadas pela carência afetiva detém o desenvolvimento em todos os setores da personalidade.

Nas crianças sujeitas a uma prolongada carência de provisões afetivas cessam todas as atividades autoeróticas de qualquer classe, inclusive a sucção polegar. Dir-se-ia, que a criança retorna ao narcisismo primário: nem sequer pode já tomar seu próprio corpo como objeto, tal como sucederia ao narcisismo secundário. Tem-se a impressão de que nestas crianças com marasmo, o impulso libidinal é empregado com fins de conservação para manter o mais possível o resplendor da forma vital que vai-se debilitando.

As crianças que padeciam de marasmo tinham sido privadas da possibilidade de formar uma relação objetal. Por conseguinte, não tinham podido dirigir os impulsos libidinal e agressivo sobre um só objeto idêntico, o qual é indispensável para chegar a fusão de ambos os impulsos. Privados de objeto no mundo exterior os impulsos ainda não fundidos se voltarão contra a própria pessoa que tomaram como objeto. A consequência do

retorno da agressão não fundida se manifesta pela deterioração destrutiva da criança em forma de marasmo. A esta descrição se opõe por sua vez a volta do impulso libidinal contra o sujeito e por um afeto análogo ao narcisismo primário, aquele se esgota no esforço de conservar a vida.

A qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura. É essencial à saúde mental que o bebê e a criança pequena tenham a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (ou mãe substituta permanente, uma pessoa que desempenha, regular e constantemente o papel de mãe para ele), na qual ambos encontrem satisfação e prazer. Os efeitos perniciosos variam de acordo com o grau da mesma. A privação parcial traz consigo a angústia, uma exagerada necessidade de amor, fortes sentimentos de vingança e em consequência, culpa e depressão.

No final dos anos 30, pelo menos seis pesquisadores independentes surpreenderam-se pela frequência com que se constatou que as crianças que cometeram diversos crimes, que pareciam não ter qualquer sentimento por ninguém e com as quais eram muito difícil de lidar, tinham tido um relacionamento profundamente perturbado com suas mães nos primeiros anos de vida. O roubo contumaz, a violência e o egotismo e a má conduta sexual são algumas de suas características menos agradáveis. A inacessibilidade e uma limitada capacidade para relações afetivas caracterizam as crianças que passaram seus anos de vida numa instituição. Existe uma incapacidade de amor ou de sentir culpa. Não há consciência. Sua incapacidade para entrar em qualquer relação torna impossível o tratamento ou mesmo a educação. Elas

não têm noção de tempo, assim, não podem evocar a experiência passada e não podem beneficiar-se da mesma, ou podem ser motivadas por metas para o futuro. Esta ausência da noção de tempo é uma característica surpreendente na organização defeituosa da sua estrutura de personalidade.

Goldfard estudou o ajustamento social de adolescentes em relação à idade com que foram admitidos na instituição e aponta para o perigo especial que corre a criança no primeiro ano de vida. A maior parte das provas relacionadas com os efeitos a longo prazo refere-se a determinadas perturbações muito sérias que se seguem a uma privação grave; é mais fácil partirmos dessas relações já estabelecidas, para chegarmos àquelas que são menos claras. As provas sugerem que três tipos de experiências ligeiramente diferentes podem produzir uma personalidade "incapaz de afeição" e delinquente em algumas crianças:

- a) Falta de qualquer oportunidade para estabelecer ligação com uma figura materna nos três primeiros anos de vida.
- b) Privação por um período limitado - mínimo de três e provavelmente mais de seis meses - nos primeiros três ou quatro anos.
- c) Mudanças de uma figura materna para outra durante o mesmo período.

Rutter (1978) resume as recentes aquisições da Psicologia Infantil acerca do tema da privação materna enfatizando que o desenvolvimento de relações sociais, o processo de criação de vínculos, os períodos críticos do desenvolvimento, os elos entre experiências e comportamentos dos pais foram objeto de pesquisas cujos achados provocaram modificações no enfoque

com que vinha sendo tratado o assunto.

De tais estudos, três conclusões gerais foram obtidas:

- a) Distúrbios anti-sociais estavam ligados a lares desfeitos, não em virtude da separação dos pais, mas em virtude da discordância e desarmonia que levaram ao rompimento;
- b) Psicopatia anafetiva se deve à incapacidade em formar vínculos;
- c) Retardo intelectual se deve à falta de experiências apropriadas.

Quatro síndromes estão relacionadas ao tema:

- a) síndrome de perturbação aguda;
- b) distúrbios de conduta;
- c) retardo intelectual;
- d) psicopatia anafetiva.

Síndrome de Perturbação Aguda

Robertsons (1971) em estudo comparativo com crianças novas que foram separadas dos pais mas cuidadas em uma família, ressaltou que elas, embora fossem influenciadas pela separação, não demonstraram a mesma reação de perturbação aguda exibida por crianças admitidas a hospitais ou creches. Ressalta que a perturbação está associada com alguma forma de interferência com o comportamento de vinculação ou porque a separação provoca a quebra de um laço que já existe (note-se que a separação e quebra de laços não são sinônimos) ou porque as condições durante a separação, não prejudicaram a capacidade de vinculação.

Distúrbios de Conduta

Trabalhos recentes demonstraram que distúrbios de conduta estavam fortemente associados a discórdia e desarmonia da família mesmo quando não tenha havido rompimento ou separação. O fato de o divórcio dos pais aparecer fortemente ligados à delinquência, enquanto a morte deles não leva necessariamente a isto, evidenciou que a variável chave seriam relações interpessoais problematizadas e não o fenômeno da separação.

Pesquisas posteriores demonstraram que entre meninos que já fizeram certa incursão na delinquência, aqueles que provinham de lares intactos, mas com problemas de família severos e persistentes, eram mais propícios a uma recidiva do que aqueles de lares desfeitos. Discordância familiar e desarmonia são mesmo os fatores deletérios, embora a questão de porque relações interpessoais levam a distúrbios de conduta ainda esteja em aberto.

Retardo Intelectual

Ficou demonstrado com suficiente clareza que crescimento intelectual e social tem suas principais influências de fontes diferentes. Tizard (1970-1974) demonstrou que relações descontínuas entre pais e filhos tiveram, mais efeitos no desenvolvimento psicossocial destes últimos, mas isto não retardou apreciavelmente seu crescimento intelectual. Assim experiências perceptuais e linguísticas jogam importante papel ambiental no desenvolvimento da inteligência e o cuidado pessoalizado pela mãe (embora importante para outros aspectos do desenvolvimento) foi irrelevante para o crescimento cognitivo.

Psicopatia Anafetiva

Não houve pesquisa, ainda, nesta área.

Segundo BOWLBY, "os estudos recentes enfatizaram o efeito das experiências de privação no atraso do desenvolvimento intelectual. Assim, as antigas descobertas de SPITZ e SKEELS foram amplamente confirmadas pelos estudos subsequentes; eles mostraram que a privação provoca atraso no desenvolvimento, que o atraso avança à medida que a privação se prolonga e que os processos específicos mais gravemente afetados são o desenvolvimento social e linguagem.

É particularmente interessante um estudo detalhado de PROVENCE e CIPTON, que compara o desenvolvimento de setenta e cinco bebês criados em famílias, durante o primeiro ano de vida. O comportamento motor das crianças nas instituições não sofreu danos no primeiro mês e, de modo geral, as funções motoras se retardaram menos do que outros aspectos do desenvolvimento; houve, mesmo assim, um atraso na aquisição da capacidade de controlar a cabeça, de sentar de modo ereto, de ficar de pé e de andar. Houve, particularmente, uma discrepância entre a aquisição das capacidades motoras e seu emprego como forma de adaptação ao meio ambiente.

Por exemplo, a partir do oitavo mês, houve menos tentativas de alcançar pessoas e brinquedos e de movimentar-se em direção a eles; houve também um uso reduzido das capacidades motoras em busca de prazer, para evitar o desconforto, para iniciar intercâmbios sociais, explorar o ambiente e manifestar sentimentos. O atraso no comportamento vocal evidenciou-se desde cedo e acentuou-se bastante. Embora houvesse atraso na compreen

são da linguagem, foi a fala a área mais afetada. Em suas reações às pessoas, as crianças na instituição diferiam acentuadamente das criadas com famílias. Mostraram-se lentas para diferenciar as pessoas, não apresentaram sinais de estarem desenvolvendo vínculo com uma determinada atendente, tampouco desenvolveram o sentido de confiança e nem procuravam auxílio de um adulto quando em dificuldades. Conquanto fosse fornecido um número adequado de brinquedos, as crianças na instituição demonstraram pouco interesse por eles, não mostravam desagrado diante da perda de um brinquedo e não faziam qualquer esforço para recuperar um brinquedo perdido. O brincar espontâneo com os materiais era muito limitado. De forma geral, a amplitude e a intensidade de seus sentimentos e as manifestações deles ficaram muito empobrecidas.

2.2 - Adolescentes Institucionalizados

Os estudos acerca das consequências da carência afetiva no desenvolvimento psicológico foram muito enfatizados nos primeiros anos de vida da criança. Há poucos estudos envolvendo o período da adolescência (12-18 anos) e o que ocorre quando a criança abandonada cresce e atravessa a crise da puberdade.

Para FREUD, durante o período da adolescência o instinto sexual, até então autoerótico, encontra, finalmente, o objeto sexual. A escolha do objeto é levada a cabo, a princípio, tão somente imaginativamente, pois a vida sexual da juventude em maturação caracteriza-se pela fantasia, isto é, representações não destinadas e converter-se em atos.

Simultaneamente ao vencimento e repulsa destas fantasias claramente incestuosas, tem lugar uma das reações psíquicas mais importantes e também mais dolorosas da puberdade: a liberação do indivíduo da autoridade de seus pais, por meio da qual fica criada a contradição da nova geração relativamente à antiga, tão importante para o progresso da civilização. Trata-se de um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva do processo de desprendimento. Só a maturidade lhe permitirá mais aceitar-se independente dentro de um marco de necessária dependência. Mas, no começo, se moverá entre o impulso ao despreendimento e a defesa que impõe ao temor da perda do conhecido.

É um período de contradição, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricção com o meio familiar e o ambiente circundante. Este quadro é frequentemente confundido com crises e estados patológicos, o que alarma o adulto e o leva a buscar soluções equivocadas. Ocorre que também os pais vivem as perdas dos filhos; o conflito ocorre quando aparecem as primeiras mudanças corporais e se define o papel procriador. O filho é duplamente rival: transforma-se em sério competidor na situação incestuosa, porque já tem um instrumento para consumá-la. Trata-se da ambivalência e resistência dos pais e da sociedade em aceitar o processo de crescimento.

A criança necessita de tempo para conformar-se ao corpo, aceitando a perda do corpo infantil e a fantasia onipotente da bissexualidade, base de sua atividade masturbatória. Então sim, pode aceitar que para conceber um filho necessita da união com o outro sexo, devendo renunciar o homem às fantasias de procriação dentro do seu próprio corpo e a mulher à

onipotência maternal. Todo este processo leva o adolescente a abandonar a sua identidade infantil, tratar de adquirir uma identidade adulta, que, quando é alcançada, encerra-se em uma ideologia com a qual enfrentará o mundo circundante.

A masturbação o ajuda a enfrentar o "seu sexo" e a lutar contra a tendência a consumir o incesto. Na masturbação da adolescência, a fantasia da cena primária se soma à fantasia do incesto, mas se o incesto se consuma, a cena primária se destrói. Serve também para a estruturação do esquema do corpo. As mudanças corporais levam a uma nova relação com os pais e com o mundo, que só é possível se elaborar lenta e dolorosamente o luto pelo corpo infantil, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Todas as mudanças corporais que acontecem são vividas como uma invasão. A modificação é lenta e nenhuma premência interna ou externa favorece este trabalho, pois como toda elaboração de luto, exige tempo para não tomar as características de uma negação maníaca.

As condições familiares e culturais poderão mitigar, favorecer, demorar ou precipitar esse desenvolvimento, mas não poderão impedir que o adolescente por si mesmo deva elaborar lutos importantes como os assinalados.

Os conflitos surgidos sobretudo da dissociação entre mudanças corporais e psicológicas levam o adolescente à necessidade de planificação características desse período, que abarca desde o problema religioso ou o da colocação do homem perante o mundo, até os fatos mais insignificantes da vida cotidiana. Não pode fazer planos sobre seu próprio corpo ou sobre suas identidades que muitas vezes o invadem tanto como o crescimento

corporal recorrendo então à planificação do mundo externo e à verbalização, que cumpre neste período o mesmo fim defensivo que a onipotência do pensamento e a palavra no final do primeiro ano de vida e começo do segundo.

Seu novo plano da vida que lhe exige colocar-se o problema dos valores éticos, intelectuais, afetivos, implica o nascimento de novos ideais e a aquisição da capacidade de lutar para conseguí-los. Tudo isto lhe exige formar uma coleção, um sistema de idéias, e um programa ao qual aferrar-se e também a necessidade de algo em que possa descarregar o montante de ansiedade e os conflitos que surgem de sua ambivalência entre o impulso ao despreendimento e a tendência a permanecer ligado.

A qualidade do processo de maturação e crescimento dos primeiros anos, a estabilidade nos afetos, o montante de gratificação e frustração e a gradual adaptação a exigências ambientais, vão marcar a intensidade e a gravidade desses conflitos. A adolescência é o momento mais difícil da vida do homem e necessita de uma liberdade adequada com a segurança de normas que o vão ajudando a adaptar-se sem entrar em conflitos graves com o ambiente e a sociedade. No mundo atual, o adolescente busca um lugar na sociedade.

Diante da iminência das primeiras mudanças corporais e da ansiedade que estas lhe oferecem, o adolescente faz uma fuga progressiva do mundo exterior e busca um refúgio temporário no seu mundo interno. As características deste mundo interno terão de determinar em sua maior parte a quantidade de suas crises. O mundo exterior, aceitando ou recusando uma riqueza crescente, lhe permitirá ou impedirá desenvolver o que é típico do

pensamento ou da ação do adolescente.

Durante este período em que se prepara para entrar no mundo do adulto, são produzidas algumas mudanças fundamentais no pensamento dos adolescentes de ambos os sexos. Antes de se enfrentar com a mudança total e enquanto isto se vai produzindo, ocorre uma série de modificações internas, que se traduzem no que PIAGET chama de estruturas formais de pensamento. Estas estruturas lhes permitem o acesso ao mundo do adulto.

O adolescente em sua fuga defensiva mantém e reforça sua relação com os objetos internos e externos. Nesse momento, o salva do autismo, por exemplo, escrever um diário íntimo, a conexão com o amigo feito à sua imagem e semelhança. Nesse período de transição, o adolescente flutua entre a necessidade de solidão e comunicação, entre uma idéia de bondade e maldade, de egoísmo e de altruísmo, de ascetismo e de sexualidade, de tendência à sujeira e pruridos de limpeza e elegância.

A criança separada de seus pais precocemente sofre um processo de institucionalização que a leva a adquirir um modelo peculiar de comportamento decorrente de vivência específicas no mundo da instituição. Esta criança não possui uma família tradicional com o pai, mãe e certo número de irmãos, uma casa com espaço delimitado para si ou pertences como roupas, brinquedos, etc.

A criança institucionalizada desde pequena é cuidada por diversas pessoas com quem não mantém uma relação individualizada, não possui roupas ou objetos pessoais, passa de escolas para escolas em virtude de seu crescimento cronológico, físico ou por outros motivos e sempre partilha o seu espaço com outras

crianças iguais a ela. Está constantemente submetida a normas disciplinares rígidas e eventualmente se vincula a funcionário da instituição onde vive, ora se ligando pegajosamente, ora des carregando sua agressividade abruptamente. Ocasionalmente, consegue estabelecer laços com a família de algum amigo.

É uma criança sem oportunidade de desenvolver sua individualidade, que ao se ver submetida às mudanças biológicas da puberdade, se descobre sem uma estrutura sólida que a apóie. O adolescente institucionalizado é uma criança abandonada, que se dá conta definitivamente da ausência de figuras parentais; é a criança separada de sua família, que não tem condições de se assumir, é um ser submetido a pressões instintivas que já introjetou o esquema disciplinar rígido da instituição que o acolheu.

Para que as tarefas cotidianas sejam cumpridas a contento, a instituição adota regras de funcionamento que submetem seus integrantes a uma infantilização e dependência exacerbadas.

Existem poucas oportunidades para o desenvolvimento da responsabilidade individual e os comportamentos adequados são conseguidos à custa da exacerbação dos sentimentos de culpa e perseguição. Ocorre a internalização de um super ego que mobiliza mecanismos de defesa, que o ajudam a impedir exteriorização dos seus impulsos em um meio nem sempre aberto às suas necessidades afetivas.

Dentre esses, o mecanismo de repressão ocupa papel preponderante, mobilizando energias e construindo barreiras que levam o indivíduo a se instalar em um círculo que cada vez mais o empobrece. Carente, almeja receber afeto, mas temeroso de experimentar novamente o abandono se retrai, refugiando-se na fanta-

sia. Cria laços com alguns amigos da instituição com quem se identifica e participa do mundo adolescente através dos meios de comunicação, como a televisão, que imprimem os modismos da sua faixa etária e criam aspirações que compartilha com seu grupo.

Os funcionários da instituição atuam como elementos de ligação entre o mundo externo (sociedade) e o mundo interno da instituição. É através deles que os menores observam mais de perto todas as novidades, costumes, modismos em voga. Através de uma identificação com as características gerais do grupo de funcionários de situação sócio-econômica mais baixa, muitas vezes se vinculam intensamente a certas pessoas, criando situações de "peixinho do Sr. Fulano".

O técnico é um instrumento de controle da instituição, é um representante da classe média conservadora, que nutre sentimentos paternalistas em relação aos menores, mas que, no fundo, está muito pouco interessado na mudança do "status-quo". Existem muitas barreiras para um encontro pessoalizado técnico-menor; o adolescente sabe que está sendo observado e o que se compreende dele; o técnico, como profissional pago pela instituição, está de antemão aceitando as regras do jogo do poder.

O adolescente institucionalizado vivencia a crise natural da adolescência tendo como pano de fundo o mundo da instituição onde vive. Cedo se dá conta de que aos dezoito anos terá de assumir seu próprio sustento, uma vez que, com essa idade, cessa a responsabilidade da instituição em relação a ele. Terá, então, quer se sinta pronto ou não, de enfrentar o mundo lá fora, trabalhar, conhecer pessoas, criar laços, viver fora do mundo or

ganizado e até de certa forma protegido, da instituição que o acolheu, alimentou e moldou.

A instituição pesquisada neste estudo recebe crianças do sexo masculino a partir de 7 anos através de centros de recepção e triagem onde são submetidas a uma avaliação global em termos biopsicossociais e são, então, encaminhadas para outros estabelecimentos de acordo com sua faixa etária e escolaridade.

Proveniente do extrato social que se constitui em mão de obra de reserva da sociedade e, portanto, à margem do processo produtivo, estas crianças estão sujeitas a sofrer as consequências da desintegração familiar e das instabilidades dos vínculos afetivos do seu grupo de origem.

Nos prontuários favorecidos pelo serviço social podemos constatar desde o abandono precoce, ou seja, casos em que sequer ocorreu a instalação do vínculo afetivo até os casos de desintegração familiar por morte ou desaparecimento das figuras parentais.

Os estabelecimentos a que são encaminhadas estas crianças variam quanto à disponibilidade de recursos financeiros mas se parecem muito quanto à estruturação burocratizada dos serviços de atendimento de massa e à dinâmica de funcionamento rigidamente organizada.

Os estabelecimentos que atendem à faixa etária que vai de 7 a 12 anos se caracteriza por um tipo de atendimento um pouco menos impessoal do que aqueles que atendem à faixa etária de 12 a 18 anos.

Aos 12 anos a criança já adquiriu um crescimento fí-

sico tal que sua busca de contato se reveste de características mais definidas tanto em termos de erotização quanto de agressividade e o adulto que lida com ela deverá estar atento ao papel que a cada momento estará desempenhando nesta relação.

Adolescentes submetidos a um processo de institucionalização muito longo adquirem modelos de comportamento rotineiros estereotipados e pouco afeitos a mudança, o que leva a uma incidência maior de situações de crise em virtude da paralisação da energia psíquica e sua conseqüente conversão em angústia.

2.3 - A Inteligência e Suas Inibições

Para Bohm, E., a inteligência é o potencial de rendimento intelectual existente na disposição hereditária. Depende, em primeiro lugar, dos dotes inatos, mas não é idêntico a eles. O potencial de rendimento é um produto da educação e do exercício. A totalidade das disposições intelectuais deve-se chamar capacidade, que não é, assim, o mesmo que a inteligência. Duas pessoas com igual capacidade podem ter inteligências muito diferentes, segundo a instrução que lhes coube por sorte, sobretudo na infância. Mas a inteligência pode ser também menor que a capacidade, sobretudo se o potencial de rendimento estiver diminuído por um processo orgânico (demência) ou neurótico (repressão afetiva do pensamento).

Estritamente falando, deve-se distinguir, inclusive, potencial de rendimento: também com um potencial de rendimento intacto, uma pessoa pode não render o mesmo em todas as situações. O rendimento atual da inteligência depende de um numeroso grupo de fatores facilmente variáveis (sono, alimentação, cli-

ma, interesses, estado de ânimo, etc;), enquanto o potencial de rendimento não muda em geral de um dia para o outro.

Capacidade e rendimento não coincidem habitualmente. Na prática, a maioria das pessoas se encontram abaixo de sua própria capacidade, porque seu potencial de rendimento está neuroticamente diminuído (e, muitas vezes, por depressão). Segundo o estabelecido, o grau de inteligência de um povo deveria distribuir-se segundo a curva de GAUSS, isto é, deveria dar aproximadamente tantos acima como abaixo da média.

As investigações com os "army-tests" mostraram um forte deslocamento à esquerda. A causa deste deslocamento da curva de GAUSS não existe apenas na capacidade pessoal e, tampouco, exclusivamente, na unilateralidade dos testes utilizados, mas em sua maior difusão da repressão afetiva do pensamento.

A causa mais importante desta difusão enorme da repressão afetiva da inteligência é, naturalmente, a colossal frequência da educação defeituosa. Os produtos do pensamento da criança são incentivados desde que não afetem questões sexuais e religiosas ou a posição autoritária dos adultos. Como consequência em muitas crianças se desenvolve uma repressão geral do pensamento, ou, como a chama FERENCZI, uma "espécie de imbecilidade"; também a necessidade de castigo, produto de uma educação inadequada, pode criar uma repressão da inteligência.

As repressões da inteligência são repressões afetivas de pensamento e indicam melhor do que nenhuma outra coisa as estreitas relações da vida dos sentimentos com a inteligência. Distingue-se uma repressão da inteligência neurótica e, outra, depressiva. A repressão depressiva do pensamento é uma

repressão no mais estrito sentido clínico da palavra, um retardo e um empobrecimento do curso do pensamento, consecutivos ao efeito repressivo geral (também motor) da depressão. Estas depressões, quando não têm caráter crônico, podem ser muito passageiras e desaparecer de um dia para o outro. A repressão neurótica da inteligência é, ao contrário, mais estável, e, sem a intervenção psicoterápica, em geral, constante. Está reunida amiúde a uma repressão depressiva ligeira, já que muitas neuroses se encontram ligadas a um estado de ânimo depressivo crônico.

CUNHA, S.E. da, coloca que "a concepção da natureza da mentalidade humana e do seu processo de desenvolvimento tem sofrido sérias modificações através dos séculos. A inteligência era concebida como uma entidade unitária, que caracterizava o indivíduo quantitativamente através da vida. A idéia de que a inteligência era determinada pela hereditariedade, não somente em termos de quantidade mas também como razão de um padrão de desenvolvimento vem sendo substituída pela certeza de que o meio ambiente é um fator de integração no organismo.

Estudos recentes acerca de dificuldades na aprendizagem mostraram que, dentro da percentagem substancial de alunos que, nos sistemas educacionais de vários países, não consegue progredir normalmente através das várias etapas de escolarização, aquelas crianças cujas experiências sensoriais, motoras e de comunicação no lar, cuja motivação para a aprendizagem escolar é deficiente e cujo nível de aspiração é baixo, constituem a maioria. BLOOW, DAVIS e HESS (1965) referem-se a este grupo como desprivilegiados ou deficientes culturais, porque credi-

ditam que as origens dos problemas que apresentam na idade escolar encontram-se, em grande parte, nas experiências vividas em lares que não transmitem os padrões culturais necessários a um desempenho adequado das tarefas propostas pela escola e pela sociedade em geral.

Os lares de classe baixa possuem uma deficiência de materiais instrutivos (jogos, brinquedos, livros, revistas e objetos que possam ser olhados e manipulados), uma falta de modelos adequados, de comportamentos fornecidos pelos adultos, que cercam a criança em seus primeiros anos de vida, uma ausência de ajuda afetiva dos pais no sentido de levar a criança a um desenvolvimento perceptivo, verbal e cognitivo adequado.

Foi demonstrado que as crianças nordestinas, de baixíssimo nível socio-econômico, classificaram-se 25% abaixo do limite inferior do intervalo normal. Para estes resultados baixos no rendimento intelectual, obviamente contribuem deficiências em áreas específicas do desenvolvimento, que se manifestam mesmo quando o teste utilizado é relativamente simples e constituído de um só tipo de prova. Entre estas áreas deficientes, destacam-se a percepção, a linguagem e a formação de conceitos, além da deficiência da coordenação motora fina, requerida por certos tipos de testes.

3 - METODOLOGIA

3.1 - Objetivos e Hipótese Geral

O objetivo desta pesquisa é conhecer a influência da experiência do abandono familiar no rendimento intelectual de adolescentes institucionalizados. Trata-se de uma pesquisa experimental que visa comparar dois grupos homogêneos em relação à escolaridade e distintos quanto à manutenção do vínculo familiar.

A hipótese a ser testada é que "adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono familiar apresentam síndrome de pseudooligofrenia no Teste de Rorschach".

3.2 - A Síndrome de Pseudooligofrenia

O diagnóstico da repressão da inteligência do Rorschach é simples: decorre da surpreendente incongruência dos fatores de inteligência da prova. A inibição de fatores da inteligência isolados e a desproporcionada boa qualidade de outros, além de existir evidentes sintomas neuróticos (choque a cor ou ao cinza, labilidade dos elementos de cor, Do e outros sintomas de angústia, estupor diante de símbolos sexuais, etc.).

As Do seriam, segundo Salomon, um sinal de agressividade convertida em angústia, que desempenha um papel considerável na etiologia da repressão neurótica da inteligência. Uma forma muito comum de repressão neurótica da inteligência é a frequência de respostas anatômicas mal vistas e, além disso, algumas Do (angústia hipocondríaca).

O F+% pode encontrar-se notavelmente diminuído por

isto; e se; simultaneamente, por uma depressão psicológica, as G se reduzem e o T% se encontra aumentado, a inteligência primária pode ser medida unicamente pelas B e pelas Orig; igualmente, podem ter desaparecido estas duas classes de respostas mas persistindo um desproporcionado aumento de G+; e às vezes um T% não muito alto. A consciência de interpretação pode às vezes, encontrar-se diminuída.

Aparecem quase todas as combinações e variações e pode ser muito interessante deduzir da incongruência do caso e sua influência sobre a inteligência. O grau da capacidade primitiva é, sem embargo, amiúde, muito difícil de apreciar.

A repressão depressiva da inteligência mostra quadros análogos, só que a depressão está aqui em primeiro lugar do que a neurose. Correntemente, sem dúvida (entre as numerosas depressões psíquicas) está também incompleto o síndrome depressivo. Da especial combinação de uma diminuição parcial de determinados fatores de inteligência com a aparição de certos sintomas depressivos (enquanto outros fatores estão intactos) podem deduzir-se as condições específicas de um caso isolado.

Muito frequentemente as repressões depressivas do rendimento tem F - imprecisas e, onde faltam, existe quase sempre uma repressão específica da produção, caracterizada pela redução das B e G, alto T%, etc., com F+% elevado. Isto é menos uma repressão qualitativa do que quantitativa do rendimento, uma repressão do trabalho, que, amiúde, é erroneamente interpretada como preguiça. Sem dúvida, a repressão depressiva da produção é, também, em certo sentido, uma modificação qualitativa, posto que o Pr. trabalha de modo rígido, monótono e estéril. A depres

são quantitativa do trabalho, a aversão ao trabalho, é sem dúvida, o fator central da alteração.

A existência de uma repressão depressiva da inteligência não é quase nunca difícil de comprovar. Mas é mais indicado cuidado na determinação quantitativa da inteligência quando existem sinais de depressão. Ainda que muito amiúde se encontrem fortemente reduzidas a G e as Orig.e, às vezes, também as B, pode-se ver quase sempre contudo (entre outros, no F+%) que o Pr. tinha tido primitivamente uma inteligência normal, ainda que sua capacidade real não seja possível medir. Aqui as circunstâncias são semelhantes às da repressão neurótica da inteligência.

3.3 - Operacionalização da Hipótese

H₀ - Não há diferença significativa entre o grupo experimental e o grupo de controle.

H₁ - O grupo experimental apresentará os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia em frequência significativamente maior do que o grupo de controle.

H₂ - O grupo experimental apresentará os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia em frequência significativamente maior do que o grupo de controle.

a) Sintomas Nucleares

- Incongruência dos Fatores de Inteligência
- Choques (choque a Cor; choque ao cinza)
- Presença de F - imp.
- Redução de B e G, alto T%;

b) Sintomas Acessórios

- Presença de FbF.
- Presença de Do.
- Presença de Anat.
- Consciência da Interpretação Diminuída.

3.4 - Operacionalização das Variáveis

- 1 - Número de Respostas Globais (G); será observado através de respostas de localização em que toda a mancha foi percebida.
- 2 - Respostas de Detalhes Oligofrênicos (Do); serão observadas através do resultado bruto de respostas onde há interpretação de partes humanas ou animais e onde os sujeitos normais podem ver com relativa facilidade homens ou animais completos.
- 3 - Número de Respostas de Movimento (B); será observado através do resultado bruto de respostas determinadas pela percepção de movimento de figuras humanas nas pranchas.
- 4 - Respostas de Forma; (F) serão observadas através da percentagem de respostas determinadas pelo formato de mancha. Poderão ser respostas de Forma positivas ou negativas de acordo com a classificação de Adrados, I. (1976).
- 5 - Labilidade dos elementos de cor (FbF); será observada através do número de respostas em que o colorido da lâmina funcionou de maneira semelhante ao formato para sua determinação.

- 6 - Respostas Hd Puras (Hd); serão observadas através do número de respostas onde existe uma impressão global difusa do valor do claro-escuro de uma lâmina inteira.
- 7 - Respostas de Conteúdo Animal (T%); serão observadas através da percentagem de respostas de animais percebidas a partir dos borrões das pranchas.
- 8 - Respostas Anatômicas (Anat); serão observadas através da porcentagem de respostas de conteúdo anatômico emitidas diante das pranchas.
- 9 - Respostas originais (Orig); serão observadas através da percentagem de respostas bem elaboradas observadas no protocolo.
- 10 - Choque a Cor: será observada a sua presença ou ausência em termos de conduta estuporosa motivada pelo estímulo afetivo da cor podendo levar ao fracasso.
- 11 - Choque ao Cinza; será observada a sua presença ou ausência como alterações no processo de raciocínio, um estupor afetivo da cor podendo levar ao fracasso.
- 12 - Estupor diante de Símbolos Sexuais; será observado em termos de presença ou ausência como um estupor associativo diante de detalhes das pranchas que lembrem genitais masculinos ou femininos.
- 13 - Consciência de Interpretação Diminuída: Será observada em termos de presença ou ausência quando o sujeito dá entender que a vivência de interpretação não parece clara.
- 14 - Inteligência Geral (Fator G); será observada através do resultado obtido no teste de inteligência não-verbal de Pierre Weil - Forma C, utilizando-se como parâmetro

tabela padronizada para a população.

3.5 - Características da Amostra

A amostra desse trabalho é constituída por adolescentes internos em instituição governamental na faixa de doze a dezoito anos pertencentes ao ensino supletivo e regular, além de habilitação profissional em vários níveis. É frequentada por adolescentes de extrato social baixo e somente uma parte pequena é abandonada de fato por seus familiares. O estabelecimento possui uma equipe técnica multiprofissional e o serviço social da unidade nos forneceu a relação de alunos em caracterizado estado de abandono familiar.

A amostra foi dividida em dois grupos:

Grupo de Controle: Composto por adolescentes institucionalizados com famílias.

Grupo Experimental: Composto por adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono semelhantes em idade e escolaridade. Geralmente seu abandono ocorreu antes dos sete anos de idade, em virtude, tanto de maternidade não-assumida, quanto de desagregação familiar. Encontra-se geralmente nos prontuários a menção de doença física ou mental na família, seja pai, mãe ou irmão além do falecimento de um dos cônjuges. Por vezes, possuem um responsável que pode ser um parente distante ou mesmo um estranho, que se aproxima do menor através de campanhas para serem madrinhas ou padrinhos. Em geral, tais pessoas, à medida que esta criança cresce vão perdendo interesse por ela, diluindo-se, aos poucos, o vínculo inicial, até cessar por completo.

3.6 - Coleta dos Dados

a) Obtivemos uma relação de alunos em caracterizado estado de abandono familiar e pesquisamos nos prontuários dados acerca de sua vida. Selecionamos o grupo de controle através da listagem global dos alunos da escola, escolhendo um a um dos adolescentes de mesma idade e escolaridade do grupo experimental. O objetivo deste procedimento foi homogeneizar a variável família a fim de determinar a sua influência.

b) Instrumentos

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram os testes de inteligência de Pierre Weil, uma vez que existe padronização adequada para a população e o teste de Rorschach uma vez que este teste de personalidade investiga aspectos afetivos e intelectuais, fornecendo um levantamento mais globalizado acerca do potencial do sujeito.

Serão utilizados o método de classificação de respostas de Ewald Bohn, as normas propostas por Adrados em seu livro Adolescência Normal e Patológica e a classificação de respostas banais por lâminas do Atlas e Dicionário do Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach de Alba Gomes Guerra.

4 - RESULTADOS

QUADRO 1QUADRO GERAL DE DADOS

	A M O S T R A		GRUPO DE CONTROLE		GRUPO EXPERIMENTAL	
	Nº BRUTO	PERCENTUAL %	Nº BRUTO	PERCENTUAL %	Nº BRUTO	PERCENTUAL %
INV > 30	39	78	18	72	21	84
INV < 30	11	22	7	28	4	16
SINTOMAS NUCLEARES AP	47	94	23	92	24	96
SINTOMAS NUCLEARES N AP	3	6	2	8	1	4
SINTOMAS ACESSÓRIOS AP	36	72	18	72	18	72
SINTOMAS ACESSÓRIOS N AP	14	28	7	28	7	28

QUADRO 2RESULTADOS DO TESTE INV (EM PERCENTIS)

GRUPO INV	CONTROLE	EXPERIMENTAL	T O T A I S
30	18	21	39
30	7	4	11
TOTAIS	25	25	50

QUADRO 3RESULTADOS DA SÍNDROME DE PSEUDOOLIGOFRENIA (SINTOMAS NUCLEARES)

SINT. NUCLEARES	GRUPOS	CONTROLE	EXPERIMENTAL	T O T A I S
AP		23	24	47
Ñ AP		2	1	3
TOTAIS		25	25	50

QUADRO 4RESULTADOS DA SÍNDROME DE PSEUDOOLIGOFRÊNIA
(SINTOMAS ACESSÓRIOS)

SINT. ACESSÓRIOS \ GRUPOS	CONTROLE	EXPERIMENTAL	T O T A I S
AP	18	18	36
\bar{N} AP	7	7	14
TOTAIS	25	25	50

QUADRO 5RESULTADOS DO TESTE IV 30 e do N° DE SUJEITOS QUE \bar{N} AP OS
SINT. NUCLEARES E ACESSÓRIOS

TESTES \ GRUPO	CONTROLE		EXPERIMENTAL	
	N°BRUTO	PERC. %	N°BRUTO	PERC. %
INV 30	7	28	4	16
SINT. NUCLEARES \bar{N} AP	2	8	1	4
SINT. ACESSÓRIOS \bar{N} AP	7	28	7	28

QUADRO 6

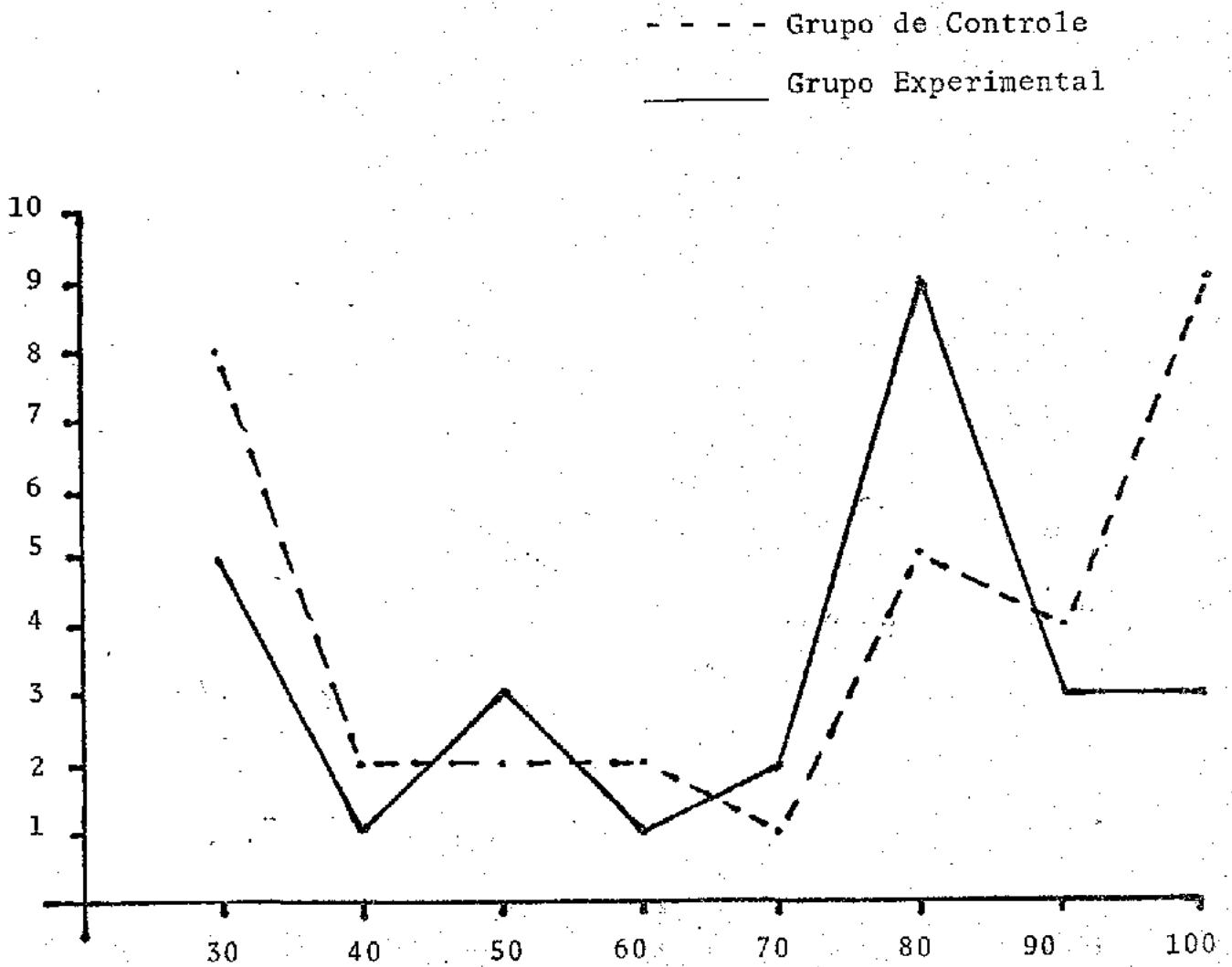
RESULTADOS DO TESTE INV 30 E DO N° DE SUJEITOS QUE AP OS
SINT. NUCLEARES E ACESSÓRIOS

TESTES \ GRUPOS	CONTROLE		EXPERIMENTAL	
	N°BRUTO	PERC. %	N°BRUTO	PERC. %
INV 30	19	76	22	88
SINT. NUCLEARES AP	23	96	24	100
SINT. ACESSÓRIOS AP	18	76	18	76

QUADRO 7

RESULTADOS DO TESTE INV 30 E ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS
SINTOMAS

TESTES \ GRUPOS	CONTROLE		EXPERIMENTAL	
	N°BRUTO	PERC. %	N°BRUTO	PERC. %
SN + SAC	5	20	2	8
SN	2	8	3	12
SAC	0	0	0	0

GRÁFICO 1DISTRIBUIÇÃO DOS TESTES INV - C

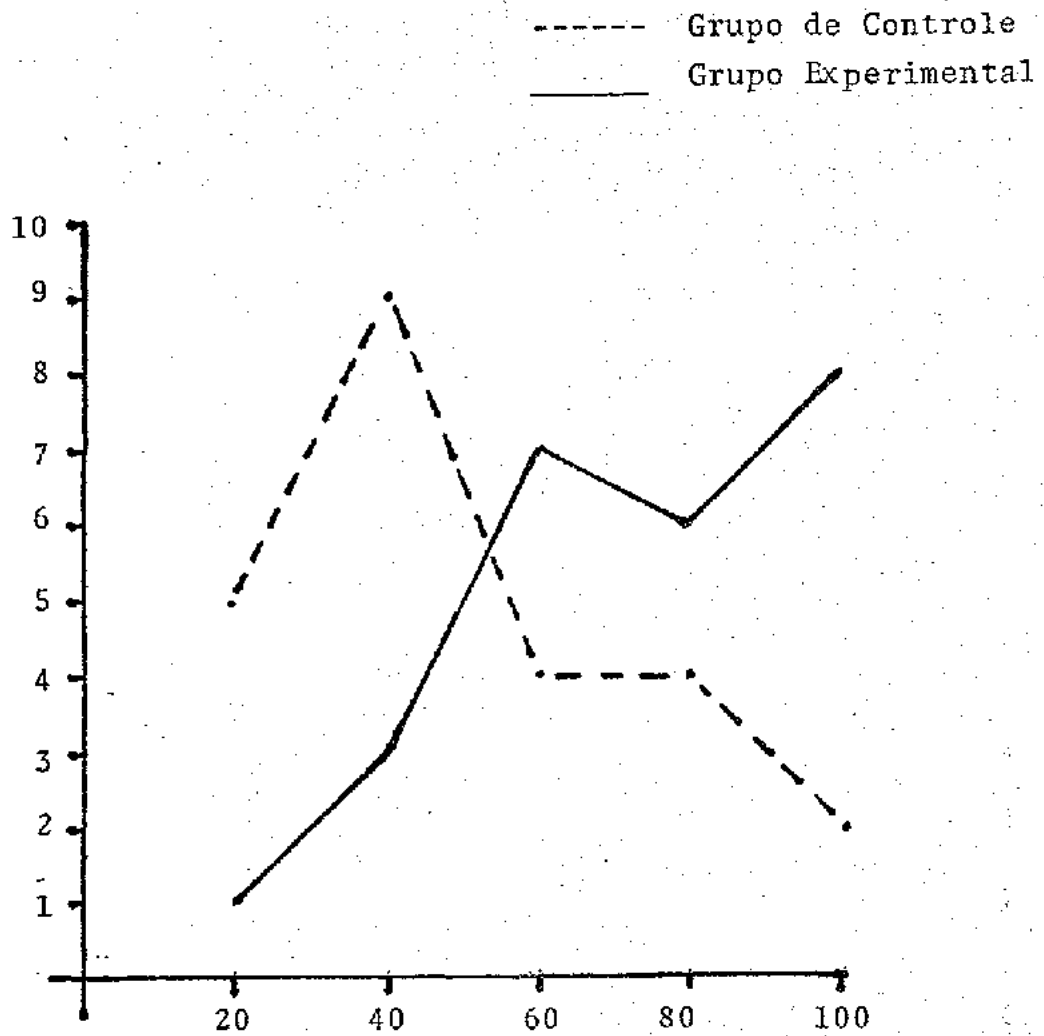
GRUPO 2RESPOSTAS "G"

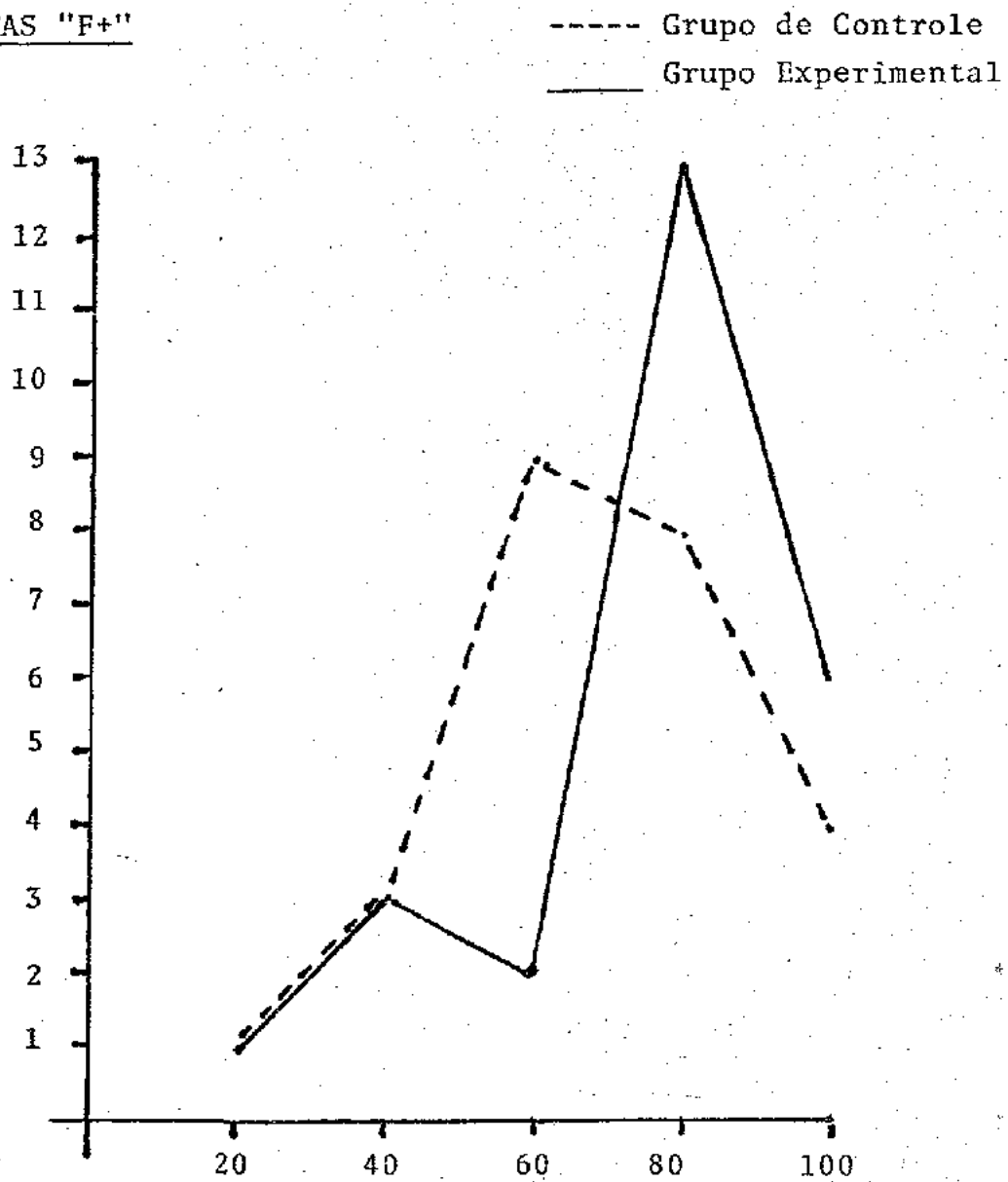
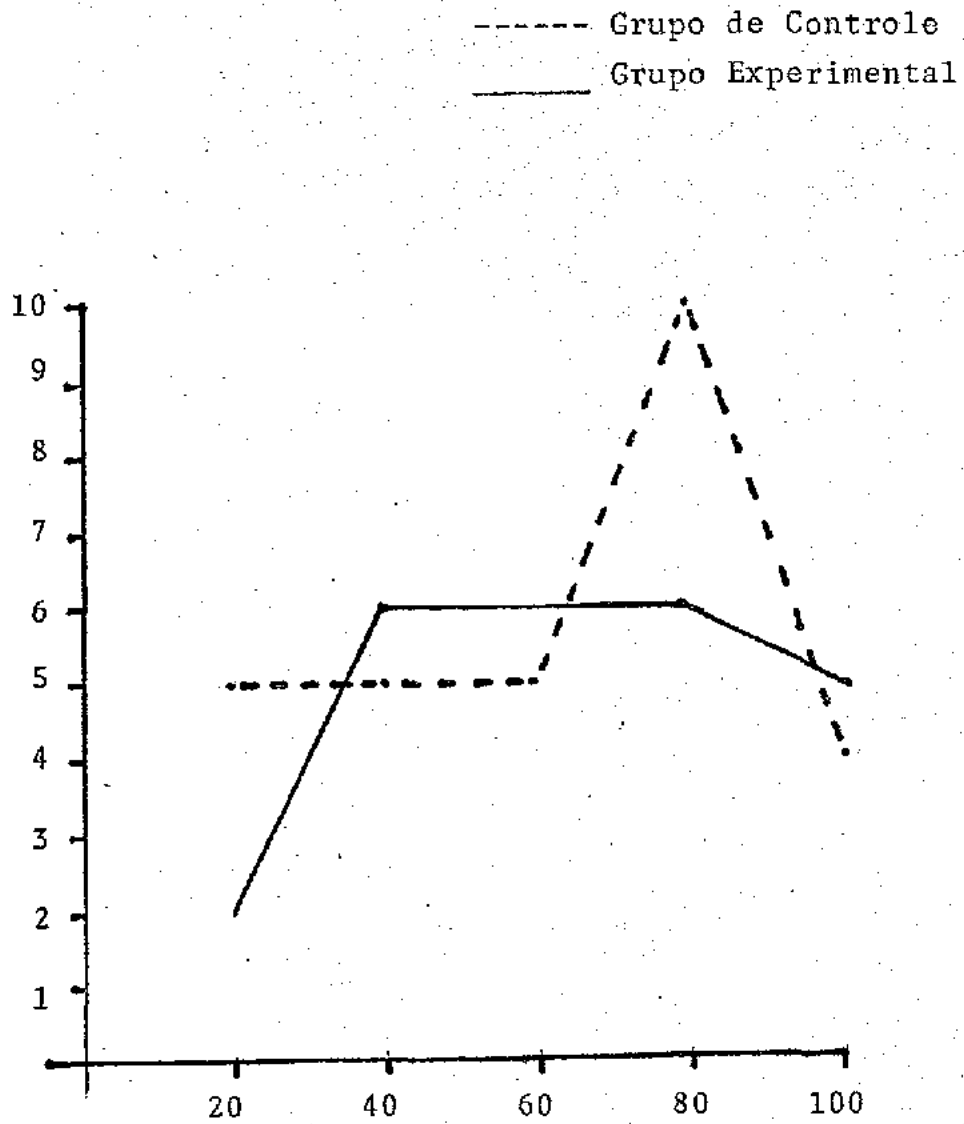
GRÁFICO 3RESPOSTAS "F+"

GRÁFICO 4RESPOSTAS "T"

5 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta pesquisa investigou aspectos intelectivos e afetivos de adolescentes institucionalizados, em relação à variável família através da síndrome de pseudooligofrenia. Este conjunto de sinais envolve funções psicológicas de natureza intelectual como pensamento abstrato, atenção concentrada, criatividade, flexibilidade do pensamento, de que modo estão relacionadas entre si (harmônica ou desarmonicamente); e aquelas de natureza afetiva, como labilidade dos afetos, repressão dos impulsos, angústia e medo à angústia, bem como os sentimentos em relação a si mesmo, à sexualidade e ao mundo.

Procurou-se, inicialmente, organizar os dados obtidos em um Quadro Geral (v. Quadro nº1), onde o Fator G - resultados do INV-C foram separados em função do referencial: percentil 30. Os resultados do teste de Rorschach foram agrupados em sintomas nucleares e sintomas acessórios, segundo o estabelecido por BOHM em seu Vademecum. A amostra estudada é composta por adolescentes institucionalizados e foi separada em dois grupos: o de controle, composto por adolescentes institucionalizados com família, e o experimental, composto por adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono.

Analisando o Quadro nº I:

A - Pode-se observar que, em termos de amostra como um todo:

- a) 78% dos sujeitos obtiveram um resultado igual ou maior do que 30, ou seja, possuem um rendimento intelectual acima de médio-inferior;

- b) 22% dos sujeitos obtiveram um resultado inferior a 30, e, portanto, demonstram um rendimento intelectual comprometido;
- c) 94% dos sujeitos da amostra apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia e 72% os sintomas acessórios.

A primeira afirmação que pode ser feita é que a síndrome de pseudooligofrenia aparece de maneira muito frequente na amostra estudada.

B - O grupo de controle apresentou os seguintes resultados:

- a) 72% dos sujeitos com rendimento intelectual igual ou acima de médio-inferior e 28% de sujeitos com resultado abaixo de médio inferior;
- b) 92% dos sujeitos apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia e 8% dos sujeitos não os apresentam;
- c) 72% dos sujeitos apresentam os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia e 28% não os apresentam.

Ou seja, os adolescentes institucionalizados com família apresentam um rendimento intelectual acima de médio inferior e estes resultados se encontram comprometidos por dificuldades que serão analisadas mais adiante.

C - O grupo experimental apresentou os seguintes resultados:

- a) 84% de sujeitos com rendimento intelectual igual ou

acima de médio inferior e 16% de sujeitos com resultados abaixo de médio inferior;

- b) 96% dos sujeitos apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia e 4% não os apresentam;
- c) 72% dos sujeitos apresentam os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia e 28% não os apresentam.

Ou seja, os adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono apresentam um resultado acima de médio inferior e esses resultados estão comprometidos por dificuldades que serão analisadas mais adiante.

Para análise mais demorada dos dados, serão estes agrupados em três Quadros:

- Quadro nº 2: Resultados do Teste de Inteligência Não-Verbal (em percentis).
- Quadro nº 3: Resultados da Síndrome de Pseudooligofrenia (sintomas nucleares).
- Quadro nº 4: Resultados da Síndrome de Pseudooligofrenia (sintomas acessórios).

Analisando os Quadros nº 2, 3 e 4 através da técnica estatística do X^2 observa-se que não há diferença significativa entre os grupos de controle e experimental. Portanto, a hipótese nula fica confirmada e H_1 e H_2 não se confirmam.

No entanto, se tomarmos os resultados do INV-C como ponto de referência, aprofundaremos mais as nossas conclusões.

Coloquemos, então, separadamente, os dados em novos quadros:

Quadro nº 5: Resultados do Teste de Inteligência Não-Verbal inferiores a 30 e do nº de sujeitos que não apresentam os sintomas nucleares e acessórios da Síndrome de Pseudooligofrenia.

Quadro nº 6: Resultados do Teste de Inteligência Não-Verbal iguais ou maiores que 30 e do nº de sujeitos que apresentam os sintomas nucleares e acessórios da Síndrome de Pseudooligofrenia.

Quadro nº 7: Resultados do Teste de Inteligência Não-Verbal iguais ou inferiores a 30 e análise da distribuição dos sintomas da Síndrome de Pseudooligofrenia.

Analisando o Quadro nº 5:

- a) 28% dos sujeitos do grupo de controle apresentam rendimento abaixo de médio-inferior para 16% dos sujeitos do grupo experimental;
- b) 8% dos sujeitos do grupo de controle não apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia para 4% do grupo experimental.
- c) 28% dos sujeitos do grupo de controle apresentam os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia para 28% do grupo experimental.

A diferença entre os dois grupos continua não sendo significativa mas chama a atenção a incidência de resultados abaixo de médio inferior (v. Quadro nº 7).

Analisando o Quadro nº 6:

- a) 76% dos sujeitos do grupo de controle apresentam resultados iguais ou acima de médio-inferior para 88% do grupo experimental.
- b) 96% dos sujeitos do grupo de controle apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia para 100% do grupo experimental.
- c) 76% dos sujeitos do grupo de controle apresentam os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia para 76% do grupo experimental.

A diferença entre os dois grupos continua não sendo significativa e a grande concentração dos dados leva a um outro tipo de análise (v. Gráfico nº 1).

Analisando o Quadro nº 7:

- a) 20% dos sujeitos do grupo de controle apresentam os sintomas nucleares e acessórios da síndrome de pseudooligofrenia para 8% do grupo experimental;
- b) 8% dos sujeitos do grupo de controle apresentam os sintomas nucleares da síndrome de pseudooligofrenia, para 12% do grupo experimental;
- c) nenhum dos sujeitos de ambos os grupos apresentou somente os sintomas acessórios da síndrome de pseudooligofrenia.

Em termos da amostra como um todo, o percentual de casos de INV-C é de 24%, o que não é suficientemente significativo para afirmar a presença de casos com fortes suspeitas de Oligofrenia, ainda mais considerando-se a presença da síndrome

de pseudooligofrenia. Isto significaria que existem poucos casos de deficiência mental verdadeira, mas sim casos de diminuição do rendimento intelectual em virtude de perturbações de natureza afetiva, que se traduzem por desarmonia cognitiva e intenso bloqueio afetivo.

Todos os sujeitos de baixo rendimento apresentam a Síndrome de Pseudooligofrenia, mas nem todos os sujeitos que apresentam a Síndrome de Pseudooligofrenia apresentam baixo rendimento. Por isso, foi elaborado um gráfico de população, onde se procurou investigar o que ocorre com os dados dos sujeitos desta amostra (v. Gráfico 1).

Analisando o Gráfico nº 1, observa-se que:

- a) o lado esquerdo (0-30) apresenta certa concentração de dados que fala de inadequação do teste utilizado para este grupo da amostra;
- b) o grupo de controle apresenta uma concentração maior dos resultados no intervalo de 90-100, numa curva ascendente; enquanto que o grupo experimental apresenta uma concentração maior entre 70-80, ou seja, uma curva aproximadamente normal;
- c) o lado direito da curva apresenta grande concentração dos resultados no intervalo de 90-100, que fala de inadequação do teste utilizado para este grupo da amostra.

O Rorschach, como teste global de personalidade, deve ser analisado de uma forma abrangente. Contudo, em função da concentração dos dados, decidiu-se que cada fator seria analisado em separado.

Assim, o Gráfico nº 2 mostra a distribuição das Res-

postas G em percentagens de 0 a 100. Percebe-se que o grupo de controle concentrou-se entre 20-40, enquanto que o grupo experimental demonstrou maior incidência entre 80-100.

Já o Gráfico nº 3 fala das Respostas F+ em percentagens de 0 a 100 e, enquanto o grupo de controle se concentra em torno de 40 a 60, o grupo experimental incide com maior frequência entre 60 e 80.

O Gráfico nº 4 mostra as Respostas T em percentagens de 0-100 e revela que o grupo de controle possui entre 60 e 80 maior número de sujeitos, enquanto que o grupo experimental se distribui de maneira aproximadamente normal.

As Respostas B podem ser analisadas em termos percentuais, ou seja:

Grupo de Controle	- n = 0	-	40%
	n = 1	-	40%
	n = 2	-	4%
	n = 3	-	16%
Grupo Experimental	- n = 0	-	60%
	n = 1	-	12%
	n = 2	-	8%
	n = 3	-	12%
	n = 4	-	8%

As Respostas FbF apareceram nos dois grupos com a seguinte frequência:

Grupo de Controle	- n = 0	-	44%
	n = 1:3	-	36%
	n = 4:13	-	20%

Grupo Experimental - n = 0	-	32%
n = 1:3	-	56%
n = 7	-	8%

Tanto o choque à cor quanto o choque ao cinza apareceram com grande freqüência nos dois grupos da amostra. O grupo de controle possui 68% de choque à cor e 64% de choque ao cinza, para 72% de choque a cor e 84% de choque ao cinza do grupo experimental.

Os demais sintomas foram muito baixos e apareceram com pouca freqüência na amostra:

Respostas Anatômicas: 22%

Estupor Diante do Símbolo Sexual: 10%

Diminuição da Consciência de Interpretação: 6%

O capítulo seguinte procurará extrair conclusões a partir da análise destes resultados.

6 - CONCLUSÃO

Esta pesquisa se propôs avaliar uma amostra de 50 adolescentes institucionalizados procedentes de uma população cujas características gerais envolvem a carência de cuidados maternos. A maioria dos trabalhos acerca deste tipo de sujeitos se restringe à faixa etária de 0 a 7 anos e está baseada em uma perspectiva metodológica que pressupõe um desenvolvimento psicológico normal. O interesse primordial foi investigar as sequelas dos processos de separação e abandono familiar e as consequências da institucionalização na estruturação da personalidade, a partir da observação de uma faixa etária mais avançada.

A amostra estudada sofre de carência de figura materna de maneira que pode ser considerada branda ou severa: os adolescentes institucionalizados com família pertencem de maneira geral a famílias numerosas, às vezes não possuem um dos genitores e diferem do grupo experimental por possuírem a possibilidade de passar os fins de semana com sua família de origem. Portanto, possuem um vínculo fora da instituição com outro grupo de referência, enquanto que os adolescentes em caracterizado estado de abandono só possuem a instituição como lar e, eventualmente, ligam-se a famílias substitutas de colegas da instituição ou de grupos a que se agregam, assumindo papéis peculiares onde a submissão é um traço dominante.

O fato de a clientela desta instituição possuir características bem definidas quanto a sua classe social, faixa etária e tipo de escolaridade dificultou a escolha de um grupo de controle. Encontrar um grupo de adolescentes pertencentes ao

lumpensinato, com escolaridade de primeiro grau e manutenção dos vínculos com o grupo primário não foi possível neste trabalho. As escolas públicas oficiais atendem basicamente as classes operárias e camadas médias inferiores e talvez o tipo de população que mais se preste como o grupo de controle seja uma de habitantes de zona rural.

Os pressupostos que nortearam as deduções realizadas a partir da análise dos dados estabelecem que o desenvolvimento da criança é grandemente determinado, desde as primeiras experiências relacionais, antes mesmo que elas sejam organizadas nos modos de funcionamento das instâncias psíquicas, pelo estabelecimento da vida pré-objetal e objetal diferenciada. A mãe não intervém sôzinha e se o pai só se individualiza bastante tarde nos fantasmas da criança pequena, ele é introduzido na vida psicológica desta última (esteja ou não presente no lar, trate-se de um casal ou de uma mãe efetivamente só) pelos fantasmas maternos.

A própria noção de inteligência necessita ser repensada em termos dinâmicos e em termos de evolução diacrônica, uma vez que a necessidade de encontrar um substrato orgânico para qualquer deficiência significa uma tendência exagerada a coisificá-la. A inibição intelectual configura um quadro clínico em que a inteligência é no mínimo normal mas em que sua expressão está obliterada, parcial ou totalmente, num contexto social ou num contexto escolar. O pseudodébil é um sujeito que obtém resultados medíocres nos testes mas que sofre de problemas relacionais tais que se tem a impressão de que tudo deriva do jogo relacional e que o resultado psicométrico, mesmo se validado por diversos exames, dá conta, na verdade, de perturbações gra

ves que não estão forçosamente inscritas de maneira definitiva e que estão mais vinculadas à personalidade e à organização das relações.

A Hipótese Geral: adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono apresentam a síndrome de pseudooligofrenia no teste de Rorschach-não se confirmou de maneira irrestrita. Em virtude de não haver sido estabelecida uma diferença significativa entre o grupo de controle e o grupo experimental através do teste estatístico Qui-Quadrado (X^2), optamos por uma análise dos fatores mais significativos apresentados pela amostra.

Os aspectos de natureza sociocultural decorrentes da privação de estímulos sofrida por este grupo foi controlado com a padronização do instrumento de avaliação intelectual que, com a prática se revelou mais eficaz com este tipo de população (v. Anexo 5). Os resultados brutos obtidos no teste de inteligência foram classificados de acordo com uma escala de percentis por idade.

Os resultados obtidos nesta pesquisa corroboram os trabalhos mais recentes descritos por Rutter (17) e a análise do Gráfico 1 torna isto mais claro. A amostra como um todo apresentou resultados acima de médio inferior, o que para alunos que possuíam sistematicamente rendimento em torno deste parâmetro, com a tabela proposta pelo manual do INV-C para população brasileira, significou um forte deslocamento para o lado direito da curva. Estes resultados demonstram a inadequação dos parâmetros até então utilizados para a sua avaliação.

A análise dos aspectos intelectivos da amostra leva às seguintes conclusões:

- Apenas 25% da amostra apresenta um quadro de pseudodebilidade verdadeira, o que se pode supor quando o rendimento no INV-C está abaixo ou igual a percentil 30.

A análise dos extremos da curva obtida no gráfico 1 aprofunda o conhecimento adquirido acerca do rendimento intelectual de sujeitos institucionalizados. O Quadro 7 mostra o número de sujeitos com rendimento inferior ou igual a 30 e que apresentam em sua maioria os sintomas nucleares e acessórios da Síndrome de Pseudooligofrenia. Trata-se de uma pseudodebilidade verdadeira provavelmente de sujeitos portadores de uma estrutura pré-psicótica.

O INV-C revelou-se inadequado para a avaliação destes casos e para tal propomos que seja utilizado o teste Colúmbia que já possui padronização adequada para a população em estudo (v. anexo 6). Sugere-se um projeto específico de pesquisa em relação a estes casos dentro de uma linha de Estudo de Caso, com o objetivo de verificar mais profundamente este nível de dificuldade.

O lado direito da curva concentra um número de sujeitos com rendimento superior à média da população e para os quais o teste se revela inadequado porque pouco discriminativo. Os trabalhos de padronização da B.T.A.G. por Ramadas, A.M. respondem às exigências desta parte da população. Os indivíduos com rendimento superior à média representam a elite da população e, frequentemente, assumem posição de liderança em relação aos demais.

Por vezes conseguem identificar-se com outro estrato social e tornam-se porta vozes de seu grupo de origem ou tentam esquecer completamente o mundo de onde vieram.

A Hipótese de que adolescentes institucionalizados com família apresentam um rendimento intelectual melhor do que os adolescentes em caracterizado estado de abandono é confirmada no intervalo que vai do percentil 70 ao 100, uma vez que enquanto a curva de rendimento intelectual dos adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono descreve a partir daí, a curva de rendimento dos adolescentes institucionalizados com família torna-se ascendente.

Os fatores intelectivos observados no teste de Rorschach foram os seguintes: Fator G (pensamento abstrato), Fator F+ (atenção e concentração), Fator B (criatividade), Fator T (estereotipia). A incongruência dos fatores intelectivos foi uma constante em toda a amostra e não houve diferença significativa entre o grupo de controle e o grupo experimental - a desarmonia cognitiva é uma característica desta população carente de estimulação.

A amostra como um todo apresenta em 15.76 respostas, 6.32 respostas G e o que representa 40%, ou seja, um pouco aumentadas. Analisando os grupos, separadamente, verifica-se que o grupo experimental (7.32 respostas G em 12.32 respostas 59%) possui um aumento significativamente maior do que o grupo de controle (5.32 respostas G em 19.2 respostas - 44%).

Isto significa que em termos de pensamento abstrato a amostra estudada revelou índices normais e o aumento observado deve ser compreendido em termos dinâmicos como uma tendência ao

refúgio na fantasia. Considerando-se que a população estudada é de adolescentes trata-se de fenômeno normal, embora ocorra diferença entre os dois grupos que podem levar a certas suposições: estaria o aumento de G ligado ao fato de o sujeito apresentar uma carência mais pronunciada?

Acredita-se que pode ser estabelecido que há diferença na estruturação de personalidade dos dois grupos estudados. Embora ambos os grupos apresentem desarmonia cognitiva, a incongruência ocorre entre fatores diferentes em cada grupo.

O Fator F_4 apresenta-se na amostra como um todo em torno de 50 o que poderia ser considerado um pouco rebaixado dentro dos padrões internacionais, mas que se for levado em conta de que se trata de amostra brasileira e de adolescentes pode-se aceitar como dentro dos padrões de normalidade.

Portanto, a amostra deste estudo revela capacidade de atenção e concentração normal, apresentando uma pequena diferença entre o grupo experimental e o de controle: o primeiro encontra-se ligeiramente aumentado em relação ao segundo, o que significaria que os adolescentes em caracterizado estado de abandono neste estudo são menos dispersivos do que aqueles com família.

Se for levado em conta que os adolescentes com família deste estudo também sofrem de carência afetiva uma vez que foram institucionalizados, pode-se supor que a diminuição da atenção concentrada pode estar ligada a dificuldades emocionais de natureza diversa daquelas vividas pelos adolescentes em caracterizado estado de abandono.

Enquanto que os adolescentes em caracterizado estado de abandono só possuem a instituição como lar e necessitariam

da fantasia como um mecanismo compensatório à falta de estímulos, os adolescentes institucionalizados com família viveriam este vínculo com ansiedade, ressentindo-se da falta do grupo familiar de origem e manifestando, através da diminuição da atenção à realidade circundante, esta perda.

O fator B da amostra como um todo não chega a 1 (hum) em um protocolo com aproximadamente 16 respostas. Esta proporção é muito baixa tanto para normas internacionais quanto para normas brasileiras. Uma vez que tanto o grupo de controle, quanto o grupo experimental apresentam a mesma relação que a amostra em termos de criatividade, acredita-se que este resultado se deve ao fato de a população ser institucionalizada.

A institucionalização provaria repressão da flexibilidade do pensamento em virtude da normatização da conduta em padrões pré-estabelecidos. No entanto, até que ponto a institucionalização reforçaria tendências pré-existentes na clientela ou jogaria com forças que se equivaleriam quanto aos efeitos danosos?

Os quadros psíquicos manifestados em crianças que entraram na instituição eram mais agudos do que os encontrados naquelas já com algum tempo de internação. Investigar as consequências tardias destas experiências e as possibilidades de tratamento das sequelas a partir da reativação dos conflitos em virtude da crise da adolescência foi a motivação básica deste estudo.

O Fator T apresenta-se na amostra como um todo e não aparece diferença significativa entre os grupos, o que confirma a assertiva estabelecida a partir dos resultados do Fator B. A estereotipia do pensamento é confirmada na amostra como um todo e,

provavelmente, decorre dos efeitos da institucionalização e dos efeitos massificantes de uma educação que não considera estes adolescentes como sujeitos.

Verificou-se não haver atraso no desenvolvimento intelectual dos sujeitos quando avaliados com um instrumento adequado ao seu nível sociocultural e tornou-se claro que as dificuldades emocionais inibem o seu rendimento e dificultam a exteriorização de todo um potencial criativo. A análise do material de testes de personalidade aplicados em situação diagnóstica levou a suposição acerca dos fatores inibitórios do rendimento da população. Desde o início a experiência de separação ou abandono e o processo de separação se mesclam como agentes atuantes na estruturação da personalidade da clientela da instituição.

As relações familiares, a partir da dependência inicial, desempenham um papel essencial ao introduzir, na história de cada um, conflitos internalizados e modos de ordenação que definem o funcionamento do Ego. Os pais ensinam aos filhos conteúdos informacionais determinados e simultaneamente os "ensinam a aprender". Em outras palavras, comunicam-lhes uma forma, um código, uma forma "de aprender a aprender" que atinge o SuperEGO.

Assim como a família, a instituição também introduz conflitos peculiares nos sujeitos que vivenciam este processo desde tenra idade. Pode-se perceber um perfil intelectual diferente nos adolescentes em caracterizado estado de abandono daqueles separados de sua família.

Enquanto os adolescentes com família apresentam os fatores G, B e T semelhantes aos da amostra como um todo, os ado-

lescentes em caracterizado estado de abandono diferem no aumento das respostas.G, ou seja, na utilização do mecanismo de defesa de refúgio na fantasia.

Já os adolescentes em caracterizado estado de abandono apresentam um aumento do Fator F+ em relação à amostra, ou seja, uma maior atenção concentrada mas que não atinge 70% e se equiva le ao pico da curva de rendimento intelectual do teste de Intelligência Verbal Forma C.

Ambos os grupos de amostra estudada apresentam de forma sistemática a presença da Síndrome de Pseudooligofrenia. A incongruência dos fatores intelectivos torna claro que os prejuízos de rendimento decorrentes de desarmonia cognitiva e devido a uma estrutura de personalidade comprometida por fatores inibitórios. Pode-se estabelecer o perfil psicológico desta população como um todo e dos dois grupos estudados. (v.apêndice).

Em termos de Afetividade observou-se o Fator FbF (instabilidade), o Fator Hd (angústia), o Fator DO (agressividade convertida em angústia), o Fator Choque a Cor (repressão dos afetos), o Fator Choque ao Cinza (angústia) e o Fator Estupor Diante de Símbolos Sexuais.

A instabilidade afetiva predomina na amostra como um todo, o que normal, considerando-se que se trata de uma amostra de adolescentes. O grupo de controle apresenta uma instabilidade mais acentuada do que o grupo experimental enquanto que o grupo experimental revela uma responsividade menor em relação à amostra como um todo.

Ou seja, adolescentes com família apresentam responsividade maior do que aqueles em caracterizado estado de abando-

no e, portanto, uma instabilidade afetiva mais acentuada e, conseqüentemente, diminuição da atenção concentrada, como foi afirmado anteriormente na referência ao Fator F+.

O Fator Hd é muito pequeno na amostra como um todo embora o grupo de controle apresente-se maior do que o grupo experimental, ou seja, adolescentes separados da família revelam mais angústia do que aqueles em caracterizado estado de abandono. Isto é confirmado na análise do Fator Do que, apesar de pequeno na amostra como um todo, é maior no grupo de adolescentes separados de suas famílias.

O processo de institucionalização provoca diminuição na expressão da angústia e da agressividade convertida em angústia e acentua os mecanismos de repressão dos afetos. Isto é confirmado pelo aumento do Fator choque a cor na amostra como um todo pelo fato de não haver diferença entre os grupos de controle e experimental.

No entanto, existe uma angústia básica, primitiva, subjacente na amostra e expressada pelo Fator Choque ao Cinza que decorre da ansiedade expressa diante das lâminas escuras. É o medo de ter medo, a dificuldade de expressar sentimentos de insegurança que se acentua no grupo experimental, uma vez que não existe uma figura materna central a que recorrer em situação de dificuldade. A presença deste Fator como o mais acentuado na amostra demonstra um aumento nos obstáculos diante de uma situação de psicoterapia.

A amostra como um todo apresenta o fenômeno Estupor Diante de Símbolo Sexual muito rebaixado e sem diferença significativa entre os dois grupos. Volta-se a observar a repressão,

agora da vida instintiva e, portanto, do que é mais característico do adolescente: a sexualidade.

Os adolescentes estudados não vivenciam a adolescência em sua plenitude e a crise de identidade característica deste período. Em cada um dos grupos de adolescentes considerou-se que o rendimento intelectual (v. gráfico 1) poderia estar submetido a dificuldades emocionais decorrentes de natureza neurótica ou psicótica.

As conclusões deste trabalho elucidam aspectos biológicos, ambientais (psicossociais e culturais) e afetivos que interferem no rendimento intelectual de adolescentes institucionalizados e, considerando a abrangência do tema não pretende esgotar o assunto. Partindo do que pode ser comprovado objetivamente, encaminharemos o problema para considerações que evoluem certa subjetividade do autor e que representa uma contribuição mais pessoalizada e discutível. Trata-se de suposições de natureza teórica, técnica e metodológicas que, aliadas a aspectos vivenciais do autor revelam uma preocupação em focalizar as ansiedades latentes nos sujeitos deste grupo social.

A afetividade observada nos sujeitos da amostra analisada através dos sintomas de choque, das respostas FbF e dos sintomas acessórios Estupor Diante de Símbolos Sexuais, demonstrou que a repressão é o mecanismo de defesa mais utilizado pelos sujeitos. A repressão dos impulsos e o modo da angústia em ambos os grupos expressam a fragilidade egóica dos sujeitos privados de figura humana contenedora de suas ansiedades.

Ora impedindo o seu surgimento, ora expressando uma afetividade predominantemente instável, lável, voltada para si mesmo em sua busca ansiosa de objeto, a clientela atendida pela instituição inibe os impulsos sexuais que irrompem na adolescência. A condição de institucionalização favorece um quadro de inibição, pois não possibilita o afloramento e conscientização da sexualidade em uma faixa etária que se caracteriza por sua descoberta e utilização como mola propulsora de desenvolvimento. Assim, é inibido o potencial de cura, favorece-se o surgimento de perversões em virtude da difusão dos impulsos instintivos e propicia-se a reativação do quadro depressivo provocado pela experiência de perda do objeto libidinal.

Sintetizando o que vem sendo exposto, a partir da análise dos dados desta pesquisa, pode-se dizer que, no campo do exercício da inteligência, uma relação materna defeituosa acarreta uma estimulação global defeituosa. Uma análise mais aprofundada de outros fatores revelados pelo teste de Rorschach, assim como uma análise do conteúdo, levaria ao estabelecimento de hipóteses mais consistentes em novas pesquisas. (v. apêndice).

O objetivo deste trabalho é limitado e busca colocar em discussão a problemática psicológica de toda uma classe que, desfavorecida economicamente, se encontra à margem da sociedade, mas que não deixa de lhe ser útil, ao exercer funções subalternas e contribuindo, assim, para sua sobrevivência. O problema da provação materna em população procedente do lumpensinato merece um tratamento particular dentro dos estudos acerca da carência de cuidados maternos.

Em virtude de resultados anteriores com testes padro-

nizados que demonstraram não serem válidos e através de discussões com profissionais que corroboraram a ineficácia dos instrumentos disponíveis, geralmente baseados em modelos importados, partiu-se para um mapeamento do campo de estudo disponível.

Sabia-se, através de casos atendidos por suspeita de deficiência mental, que o comportamento aparentemente refratário aos métodos pedagógicos utilizados escondia potencial que aparecia ora através da forma gráfica, ora através de técnicas temáticas, projetivas ou construtivas. O psicólogo incumbido de avaliar e tratar de casos aparentemente portadores de dificuldades de rendimento escolar se questionava acerca do alcance da questão e era posto como depositário das ansiedades da instituição em relação a este tipo de clientela; paralelamente, era-lhe colocada a tarefa de rotular os "casos problema" e conter a angústia que provocava a relação professor-monitor-outros técnicos-aluno.

Ora rejeitando e, assim, repetindo o realizado pela família, ora paternalizando e, assim, buscando onipotentemente resolver a problemática do menor, a instituição se esmera em realizar projetos, campanhas, construir internatos, caindo em um ativismo que pretende resolver a culpa de que é tomada em função do seu objeto de trabalho. Diante de tal ansiedade, fica difícil encontrar um espaço de reflexão que leve ao estabelecimento de estratégias de tratamento baseada em investigação criteriosa.

O presente trabalho demonstrou que adolescentes submetidos à experiência de abandono e separação apresentam a Síndrome de Pseudooligofrenia no Teste de Rorschach sem diferença significativa entre grupos. Esta síndrome se revelou um instru-

mento de trabalho pouco discriminativo e corroborou suposições já existentes acerca do perfil psicológico da clientela atendida pela instituição.

Os distúrbios de aprendizagem da linguagem escrita são chamados de dificuldades instrumentais e podem ser interpretados como a expressão particular de personalidades perturbadas na vida relacional vinculada às impossibilidades próprias da criança, que apresenta uma estrutura pré-psicótica ou pré-neurótica ou como um mau começo de aprendizagem. Lebovici e Soulé (5) propõem a "hipótese de que é precisamente a inibição ou a passividade neurótica ou psicótica que permite - entre outras coisas - a organização dessas dificuldades instrumentais e que, segundo as tendências e os recursos terapêuticos do serviço especializado consultado, falar-se-á de distúrbios neuróticos, psicóticos ou instrumentais".

Em trabalho recente, IENCARELLI e ALVARENGA (13) demonstraram a predominância de distúrbios instrumentais em clientes atendidos pelo serviço de saúde mental da instituição. Lebovici e SOULÉ (5) propõem a hipótese de que "é precisamente a inibição ou passividade neurótica ou psicótica que permite -- entre outras coisas -- a organização dessas dificuldades instrumentais e que, segundo as tendências e os recursos terapêuticos do serviço especializado consultado, falar-se-á de distúrbios neuróticos ou psicóticos ou de distúrbios instrumentais".

Em síntese, observou-se a existência de inibição neurótica da inteligência e de inibição depressiva do rendimento na amostra como um todo sem existência de diferença significativa entre o grupo experimental e o grupo de controle. Comprovou-se

a Hipótese nula e rejeitaram-se as Hipóteses 1 e 2, que se revelaram não significativas em relação à amostra estudada.

Outro tipo de método de análise dos resultados revelou certos traços diferenciais entre o grupo de controle e o grupo experimental e a importância da variável rendimento intelectual e sua interrelação com a Privação Materna. Provou-se que a privação materna não determina diminuição do potencial intelectual mas que age profundamente em outras áreas da personalidade. Novos estudos se fazem necessários para o aprofundamento desta questão, inclusive através de outros métodos de pesquisa que possibilitem um seguimento dos casos observados.

Podemos supor que, enquanto o grupo de controle sofreria preponderantemente das sequelas do processo de separação além dos efeitos da institucionalização, o grupo experimental sofreria as consequências do abandono e da institucionalização. Estaria a atenção concentrada refletindo mecanismos de defesa distintos em relação à experiência de separação e abandono? Levava o abandono a uma rigidez perceptiva, a um aumento nos mecanismos de controle em virtude de ansiedades depressivas profundas, e a experiência de separação à diminuição no interesse pela realidade circundante em virtude de sua condição frustrante?

Como já foi assinalado anteriormente, enquanto o grupo de controle apresenta um número esperável de respostas G, um F+ diminuído e o T% normal, o grupo experimental demonstrou respostas G aumentadas, F+ aumentado e T% normal. Enquanto os sujeitos abandonados voltam-se para si mesmos, os submetidos a uma separação apegam-se a uma identificação infantil e estereotipada. Pode-se ver que enquanto os adolescentes institucionali-

zados com família estão submetidos a uma inibição repressiva do pensamento, os adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono estão sujeitos a inibição depressiva do pensamento.

7 - ANEXOS

ANEXO 1GRUPO EXPERIMENTAL

1.	INV < 30	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	*
2.	INV > 90	+	SINT. NUCLEARES	.	-	
3.	INV > 80	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
4.	INV > 90	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
5.	INV > 60	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
6.	INV > 50	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
7.	INV = 30	+	SINT. NUCLEARES	*	-	
8.	INV > 80	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
9.	INV < 30	+	SINT. NUCLEARES	*	-	
10.	INV > 50	+	SINT. NUCLEARES	.	-	
11.	INV > 80	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
12.	INV > 40	+	SINT. NUCLEARES	.	-	
13.	INV > 75	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
14.	INV > 90	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
15.	INV > 50	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
16.	INV > 80	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
17.	INV > 75	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
18.	INV < 30	+	SINT. NUCLEARES	*	-	
19.	INV > 75	+	SINT. NUCLEARES	.	-	
20.	INV > 70	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
21.	INV > 95	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
22.	INV < 30	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	*
23.	INV > 95	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
24.	INV = 80	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	
25.	INV > 75	+	SINT. NUCLEARES	+	SINT. ACESSÓRIOS	

ANEXO 2GRUPO DE CONTROLE

1. INV < 30 + SINT. NUCLEARES
2. INV < 30 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS *
3. INV = 99 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
4. INV = 95 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
5. INV = 30 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
6. INV = 75 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
7. INV = 80 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
8. INV < 30 + (ATÍPICO)
9. INV < 30 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
10. INV = 95 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
11. INV = 60 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS *
12. INV = 40 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
13. INV = 75 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
14. INV = 95 + - + SINT. ACESSÓRIOS
15. INV = 99 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
16. INV = 40 + SINT. NUCLEARES
17. INV = 95 + SINT. NUCLEARES
18. INV < 30 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS *
19. INV = 70 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
20. INV = 95 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
21. INV < 30 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
22. INV < 30 + SINT. NUCLEARES .
23. INV = 60 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS
24. INV = 90 + SINT. NUCLEARES .
25. INV = 90 + SINT. NUCLEARES + SINT. ACESSÓRIOS

ANEXO 3GRUPOS DE CONTROLE

1. $G = 2.7\%$

$F+ = 70\%$

INC - FAT - INT

$B = 2$

$T = 61\%$

$FbF = 12 + \text{choque ao cinza}$

$anat = 1$

2. $G = 40\%$; $F + = 86\%$; $B = 1$; $T = 35\%$

$FbF = 4 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$

3. $G = 37.5$; $F + = 50\%$; $B = 1$; $T = 62,5$ (INC.FAT.INT.)

$FbF = 1 + \text{choque ao cinza}$

$anat = 1$

4. $G = 9,5\%$; $F + = 56,2\%$; $B = 0$; $T = 71,4\%$ (INC.FAT.INT.)

$FbF = 3 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$

5. $G = 28.5\%$; $F + = 40\%$; $B = 1$; $T = 28,5\%$

$FbF = 0$

$Anat = 1$

6. $G = 60\%$; $F + = 71\%$; $B = 1$; $T = 70\%$ (INC.FAT.INT.)

$FbF = 0 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$

7. $G = 66,6\%$; $F + = 0\%$; $B = 0$; $T = 100\%$ (INC.FAT.INT.)

$FbF = 0 + \text{choque a cor}$

8. $G = 6,6\%$; $F + = 70\%$; $B = 3$; $T = 30\%$

$FbF = 1 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$

9. G = 100%; F + = 50%; B = 0; T = 0% (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + Diminuição da Consciência de Interpretação
10. G = 44,4%; F+ = 83,3%; B = 1; T = 44.5
FbF = 0 + -
11. G = 17,5%; F + 20%; B = 0; T = 77,5% (INC.FAT.INT.)
FbF = 13 + choque a cor + choque ao cinza
anat = 3
12. G = 66,6%; F + 62%; B = 0; T = 58% (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + choque a cor + choque ao cinza
Diminuição da Consciência de Interpretação
13. G = 70%; F + = 44,4%; B = 0; T = 90% (INC.FAT.INT.)
FbF = 1 + choque a cor + choque ao cinza
14. G = 16,3%; F + = 23,5; B = 3; T = 31,1%
FbF = 0
15. G = 25%; F + = 20%; B = 0; T = 87.5% (INC.FAT.INT.)
FbF = 2 + choque a cor + choque ao cinza
16. G = 33%; F + = 100%; B = 0; T = 77.7% (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + choque a cor + choque ao cinza
17. G = 33.3%; F + = 50%; B = 1; T = 66,6% (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + choque a cor + choque ao cinza
18. G = 30%; F+ = 33%; B = 1; T = 40%
FbF = 2 + choque a cor
Estupor diante do Símbolo Sexual
19. G = 40%; F + = 100%; B = 1; T = 70% (INC.FAT.INT.)
FbF = 2 + choque a cor.

20. $G = 17.1\%$; $F + = 64,5\%$; $B = 3$; $T = 40\%$
FbF = 5 + choque a cor + choque ao cinza
21. $G = 72.7\%$; $F + = 66,6\%$; $B = 1$; $T = 63,6\%$ (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + choque a cor + choque ao cinza
22. $G = 53.8\%$; $F + = 77,2\%$; $B = 1$; $T = 69.2\%$ (INC.FAT.INT.)
FbF = 2 + -
23. $G = 32.4\%$; $F + = 50\%$; $B = 3$; $T = 24.3\%$
FbF = 9 + choque a cor + choque ao cinza
24. $G = 31.8\%$; $F + = 76,6\%$; $B = 0$; $T = 59\%$ (INC.FAT.INT.)
25. $G = 100\%$; $F + = 50\%$; $B = 0$; $T = 100\%$ (INC.FAT.INT.)
FbF = 0 + -

ANEXO 4GRUPO EXPERIMENTAL

1. $G = 92.3$; $F + \% = 3$; $B = 3$; $T\% = 69$
 Incongruência dos Fatores Intelectivos
 $FbF = 2$ choque a cor + choque ao cinza
2. $G = 70\%$; $F + \% = 30$; $B = 0$; $T\% = 90$
 Incongruência dos Fatores Intelectivos
 $FbF = 0 +$ choque a cor + choque ao cinza
3. $G = 100\%$; $F + \% = 100$; $B = 0$; $T\% = 50$
 Incongruência dos Fatores Intelectivos
 $FbF = 3 +$ choque ao cinza
4. $G = 85.7\%$; $F + \% = 67\%$; $B = 0$; $T\% = 100\%$
 Incongruência dos Fatores Intelectivos
 $FbF = 0 +$ choque a cor + choque ao cinza
 Diminuição da consciência de interpretação
5. $G = 80\%$; $F + \% = 50$; $B = 0$; $T = 100\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 1 +$ choque a cor + choque ao cinza
 Estupor diante do símbolo sexual
6. $G = 57.2\%$; $F + \% = 60\%$; $B = 0$; $T\% = 71.4$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 2 +$ choque ao cinza
 Estupor diante do símbolo sexual
7. $G = 84.6\%$; $F + \% = 75\%$; $B = 1$; $T\% = 38.4$
 $FbF = 1 +$ choque a cor + choque ao cinza
8. $G = 66\%$; $F + \% = 75$; $B = 0$; $T\% = 50\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 0 +$ choque a cor + choque ao cinza

9. $G = 54.2\%$; $F + \% = 75$; $B = 4$; $T \% = 45.8$
 $FbF = 2 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
10. $(N=7) - G = 66\%$; $F + \% = 75\%$; $B = 1$; $T = 16.6 \%$
 $FbF = 0 + \text{choque ao cinza}$
11. $G = 50\%$; $F + \% = 85$; $B = 0$; $T = 66\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 0 + \text{choque ao cinza}$
12. $G = 50\%$; $F + \% = 0$; $B = 0$; $T\% = 100\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 0 + -.$
13. $G = 33\%$; $F + \% = 80\%$; $B = 0$; $T\% = 100$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 2 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
 Estupor diante do símbolo sexual
14. $G = 72\%$; $F + \% = 67$; $B = 3$; $T\% = 54\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 2 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
15. $G = 10.7\%$; $F + \% = 25$; $B = 0$; $T = 78,5\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 7 + \text{choque a cor}$
16. $G = 31.8\%$; $F + \% = 70$; $B = 2$; $T = 36\%$
 $FbF = 7 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
 anat. = 2
17. $G = 90\%$; $F + \% = 37\%$; $B = 0$; $T = 20\%$ (INC.FAT. INT.)
 $FbF = 1 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
 anat. = 6
18. $G = 66.6\%$; $F + = 66\%$; $B = 0$; $T \% = 66$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 0 + \text{choque a cor} + \text{choque ao cinza}$
19. $G = 40\%$; $F + \% = 60\%$; $B = 0$; $T = 20\%$ (INC.FAT.INT.)
 $FbF = 0$

20. $G = 63.3\%$; $F + \% = 65$; $B = 3$; $T = 23.3\%$

FbF = 8 + choque a cor + choque ao cinza

21. $G = 90.9\%$; $F + = 75\%$; $B = 4$; $T = 27.2\%$

FbF + 2 + choque a cor + choque ao cinza

22. $G = 100\%$; $F + \% = 100$; $B = 0$; $T = 50\%$ (INC.FAT.INT.)

FbF = 2 + choque a cor + choque ao cinza

23. $G = 50 \%$; $F + = 91\%$; $B = 2$; $T = 14.2\%$

FbF = 2 + choque a cor + choque ao cinza

24. $G = 46.6\%$; $F = 65\%$; $B = 1$; $T = 46,6\%$

FbF = 2

25. $G = 35,7\%$; $F + = 50.0\%$; $B = 0$; 78.5% (INC.FAT.INT.)

FbF = 2 + choque a cor + choque ao cinza

ANEXO 5PADRONIZAÇÃO DO INV-C PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTESB - ESCALA

PERCENTIS	I D A D E S										
	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1	6	6	16	11	8	11	11	16	11	22	22
5	9	11	18	13	16	14	17	19	18	26	27
10	12	15	20	16	19	19	20	21	21	30	30
20	18	18	21	21	22	22	22	24	24	32	33
25	20	20	22	22	23	23	23	25	27	34	34
30	21	21	23	23	24	24	24	26	30	35	36
40	23	23	24	25	26	26	26	28	33	37	38
50	25	25	25	27	28	29	28	30	36	40	40
60	27	26	27	29	29	32	29	33	38	43	42
70	28	28	29	32	32	36	32	35	39	46	44
75	28	29	30	33	34	37	33	36	41	47	46
80	29	31	32	35	36	38	34	38	43	48	48
90	31	37	38	41	38	42	38	41	47	49	52
95	33	40	45	47	40	44	46	44	49	52	54
99	35	44	54	53	48	49	52	49	57	57	58

ANEXO 6PADRONIZAÇÃO DO TESTE COLUMBIA

PERC.	6 - 7	7 - 8	8 - 9	9 - 10	10 - 11	11 - 12	12 - 13	13 - 20
1	12	12	14	12	16	12	32	12
5	21	18	26	22	25	20	39	22
10	27	25	35	42	44	26	48	34
20	36	37	44	51	51	39	58	51
25	40	42	47	53	53	44	61	54
30	43	45	49	55	54	49	62	56
40	49	51	54	59	57	59	64	60
50	52	54	58	62	60	62	66	63
60	56	57	62	65	63	65	68	66
70	58	60	65	67	66	67	70	68
75	60	62	67	69	67	68	73	69
80	62	65	69	70	69	70	75	71
90	66	69	74	77	74	76	81	78
95	68	75	78	82	78	79	86	85
99	70	85	86	94	84	87	89	97

8 - APÊNDICE-CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DA AMOSTRA

A amostra desta pesquisa revelou características psicológicas bem definidas. Em termos de produtividade pode ser considerada normal e, o grupo de adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono apresenta este fator bem rebaixado em relação ao grupo de controle que revela produtividade bem alta.

Este dado inicial corrobora os achados da pesquisa que verificou que os adolescentes institucionalizados com família tendem a um desempenho mais alto no Teste de Inteligência Não Verbal do que os adolescentes institucionalizados em caracterizado estado de abandono.

Em termos de tipo de pensamento, a amostra como um todo revela uma certa acentuação do fator G esperável levando-se em conta a faixa etária do grupo. A diferença entre o grupo de controle e o grupo experimental se acentua no que se refere ao Fator D uma vez que o grupo de adolescentes institucionalizados com família apresentam um pensamento prático mais desenvolvido do que aqueles em caracterizado estado de abandono.

O grupo de adolescentes institucionalizados com família também apresentam os Fatores Dd, Do e DZw significativamente aumentados em relação ao grupo de adolescentes em caracterizado estado de abandono.

Esta tendência a uma maior robustez dos fatores no grupo de controle continua em relação a todos os outros fatores e decorre do fato de os adolescentes com família possuírem maiores potencialidades apesar de sua condição de institucionaliza-

dos.

O único fator que se encontra aumentado no grupo experimental é o Fator F+ cujo valor sintomático é atenção concentrada. Trata-se, possivelmente, de uma tendência a depressão que se manifesta na elevação dos mecanismos de controle e que decorre do estado de abandono de fato destes adolescentes e das sequelas afetivas provodadas por esta experiência.

Em termos de afetividade as respostas de cor são as mais preservadas. Continua a haver o aumento no grupo de controle mas ambos denotam responsivilidade em relação aos estímulos do meio. Já as respostas indicadoras de angústia aparecem extremamente rebaixadas o que pode ser bem observado no gráfico em relação aos Fatores 13 e 18.

Estes dados revelam uma afetividade pobre e lábil, em busca de um objeto e sujeita a mecanismos de defesa como o controle e a repressão. A diminuição do Fator B reforça a suposição da utilização destes mecanismos uma vez que o controle interno é fraco e não possibilita elaboração adequada dos impulsos.

O contato humano da amostra como um todo está aquém de suas possibilidades e a identificação é frágil ocorrendo um apego a um comportamento estereotipado e, por vezes, regressivo. Não há muita variabilidade de conteúdo e o mundo interno dos adolescentes estudados é estreito carecendo por vezes, de noções de senso comum.

A análise da incidência dos Fenômenos Especiais coloca como mais frequentes na amostra o choque ao Movimento (15%), o Choque Inicial (17%), o Choque ao Vermelho (21%), o Fracas-

so (25%), o Choque a Cor (34%) e o Choque ao Cinza (74%).

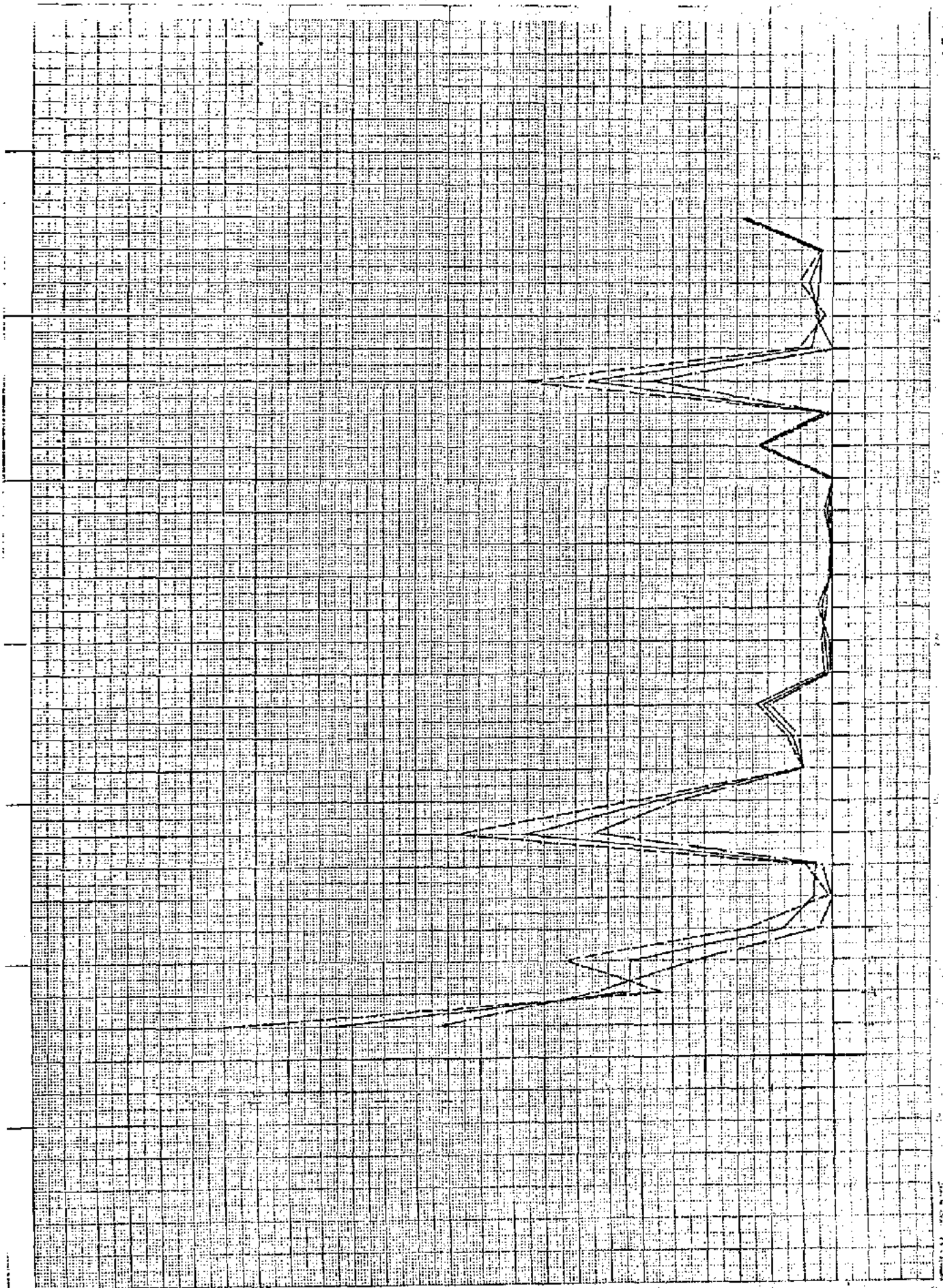
A presença do choque ao movimento corrobora afirmação feita anteriormente acerca da rigidez de pensamento dos adolescentes institucionalizados e das consequências negativas do processo de institucionalização na criatividade dos adolescentes internos. Sua criatividade encontra-se embotada em virtude da pressão massificante de uma educação rígida e diante de situações novas o adolescente internado hesita, se angustia e por vezes recusa-se a enfrentar situações pouco estruturadas.

O conflito com a autoridade que é a problemática típica da adolescência é reprimido e transforma-se em angústia fóbica que leva a situações de evitamento de confronto que é vivido como profundamente ameaçador uma vez que o adolescente institucionalizado, abandonado ou com família encontra-se anulado diante de uma Instituição rigidamente hierarquizada onde só lhe cabe o papel de obedecer.

Anostra	Controle	Experimental
1 - N° R = 15.76	19.2	12.32
2 - N° G = 6.32 (40%)	5.32 (44%)	7.32 (59%)*
3 - N° D = 6.32	8.36	4.28
4 - N° Dd = 1.58	2.68	0.48
5 - N° Do = 0.6	0.12	0
6 - N° Dw = 0.58	0.84	0.32
7 - N° F = 9.55 - (60.59)%	11.68 (60.83)%	7.42 (60.22)
8 - N° F+ = 5.43 - (56.85)%	6.12 (52.39)%	
9 - N° B = 0.96	0.96*	0.96*
10 - N° FFb = 1.26	1.44	1.08
11 - N° FbF = 2.14	2.36	1.92
12 - N° Fb = 0.14	0.24	0.04
13 - N° FMd = 0.22	0.36	0.08
14 - N° MdF = 0.34	0.2	0.48
15 - N° Md = 0.08	0.12	0.04
16 - N° F(Fb) = 0.06	0.04	0.08
17 - N° (Fb)F = 0.14	0.04	0.24
18 - N° (Fb) = 0	0	0
19 - N° M = 2.22	2.28	2.16
20 - N° Md = 0.18	0.8	0.28
21 - N° T = 7.61 (48.28)	9.63 (48.75)%	5.6 (45.45)%
22 - N° Td = 0.7	1.4	0
23 - N° pl = 0.42	0.28	0.56
24 - N° obj = 0.76	0.04	0.48
25 - N° anat = 0.44	0.4	0.48
26 - N° V = 2.74	2.76	2.72

FENÔMENOS ESPECIAIS

	Amostra	Controle	Experimental
1 - Choque Inicial	17%	48%	20%
2 - Choque ao Vermelho	21%	48%	36%
3 - Choque ao Movimento	15%	36%	24%
4 - Choque ao Cinza	74%	64%	84%
5 - Estupor Diante do Símbolo Sexual	6%	8%	16%
6 - Choque ao Vazio	2%	0	8%
7 - Choque a Cor	34%	68%	68%
8 - Fracasso	25%	52%	48%
9 - Perseveração	4%	8%	8%
10 - Insegurança	1%	4%	0
11 - BFb	2%	4%	4%
12 - Diminuição da Consc. de Interpretação	4%	8%	8%
13 - Acentuação da Simetria	7%	16%	12%
14 - Fenômeno de Interf. VIII	7%	4%	12%
15 - Resposta Ou	1%	4%	0%
16 - Contaminação	2%	4%	4%
17 - Resposta Negada	1%	0	4%
18 - Antorreferência	1%	0	4%

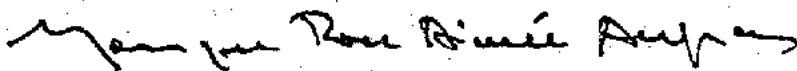


9 - BIBLIOGRAFIA

- 1 - ADRADOS, I. - "Adolescência Normal e Patológica" - Petrópolis, Vozes, 1976.
- 2 - BOHN, E. - "Manual del Psicodiagnóstico de Rorschach" - Madrid, Morata, S.A., 1970.
- 3 - BOHN, E. - "Vademecum del Test de Rorschach" - Madrid, Morata S.A., 1968, 2ª ed.
- 4 - BOWLBY, J. - Separata da "Revista de Psicologia Normal e Patológica" - Ano VI, 08-12/1960 - nº 4, pags. 677-894).
- 5 - BOWLBY, J. - "Os Cuidados Maternos e a Saúde Mental" - Lisboa, Livraria Martins Fontes Editora, 1981, 1ª ed.
- 6 - CAMPOS, V.L.C. - "Patronização do Teste de Inteligência Não Verbal de Pierre Weil para crianças e Adolescentes da FUNABEM". Rio, FUNABEM, 1977.
- 7 - CAMPOS, V.L.C. - "Padronização do Teste Colúmbia para crianças e Adolescentes da FUNABEM" - Rio, FUNABEM, 1978.
- 8 - CAMPOS, V.L.C. - "Dificuldades na Maturação da Função Visomotora em crianças e Adolescentes da FUNABEM" - Rio, FUNABEM, 1979.
- 9 - CAMPOS, V.L.C. e ASATO, C. - "Adolescentes Institucionalizados: Um estudo exploratório" - Rio, FUNABEM, 1980.
- 10 - FREUD, S. - "Uma Teoria Sexual" - Madrid, 1967, Editora Biblioteca Nueva, in Obras Completas, Vol. I.
- 11 - GUERRA, A.G. - "O Psicodiagnóstico de Hermann Rorschach" - Atlas e Dicionário - Petrópolis, Vozes, 1980.
- 12 - IENCARELLI, Fº, J. - "Abandono: Um estudo medico-Psicossociológico". Tese de Doutorado, Paris, 1978.

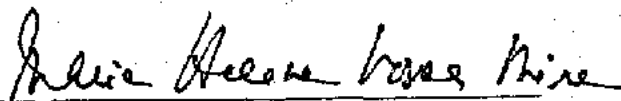
- 13 - IENCARELLI Fº, J. e ALVARENGA, K.M. - "O Perfil Psicopatológico da clientela atendida pelo Serviço de Saúde Mental"- Rio, FUNABEM, 1982.
- 14 - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. - "Vocabulário de Psicanálise"- Lisboa, Livraria Martins Fontes Editora, 1970, 5ª ed.
- 15 - LEBOUICI, S. E SOULÉ, M. - "O Conhecimento Psicanalítico da Criança" - Rio, Zahar Editores, 1980.
- 16 - RAMADAS, A.M. - "Padronização da B.T.A.G. para a população da FUNABEM" - Rio, FUNABEM.
- 17 - RODRIGUES, A. - "A Pesquisa Experimental em Psicologia e Educação", - Petrópolis, Vozes, 1976, 2ª ed.
- 18 - RUDIO, N.R. - "Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica" Petrópolis, Vozes, 1978.
- 19 - RUTTER, - "Maternal Deprivation: New Findings, New Concepts, New Approaches"
- 20 - SPITZ, R. - "O Primeiro Ano de Vida da Criança" - Madrid, Ed. Aguillar, 1970.
- 21 - SPITZ, R. - "O Não e o Sim"-Lisboa, Livraria Martins Fontes Editora, 1978.
- 22 - SPITZ, R. - "A Formação Do Ego: Uma Teoria Genética e de Campo"- Lisboa, Livraroa Martins Fontes Editora, 1959.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da
PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes
professores:



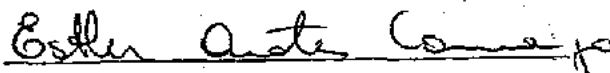
Monique Rose-Aimée Augras
Orientadora

PUC/RJ - Deptº de Psicologia



Maria Helena Novaes Mira

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

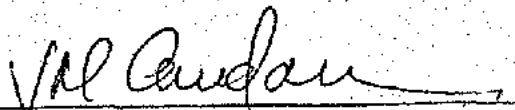


Esther Arantes Camargo

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1982



Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.